



CRB

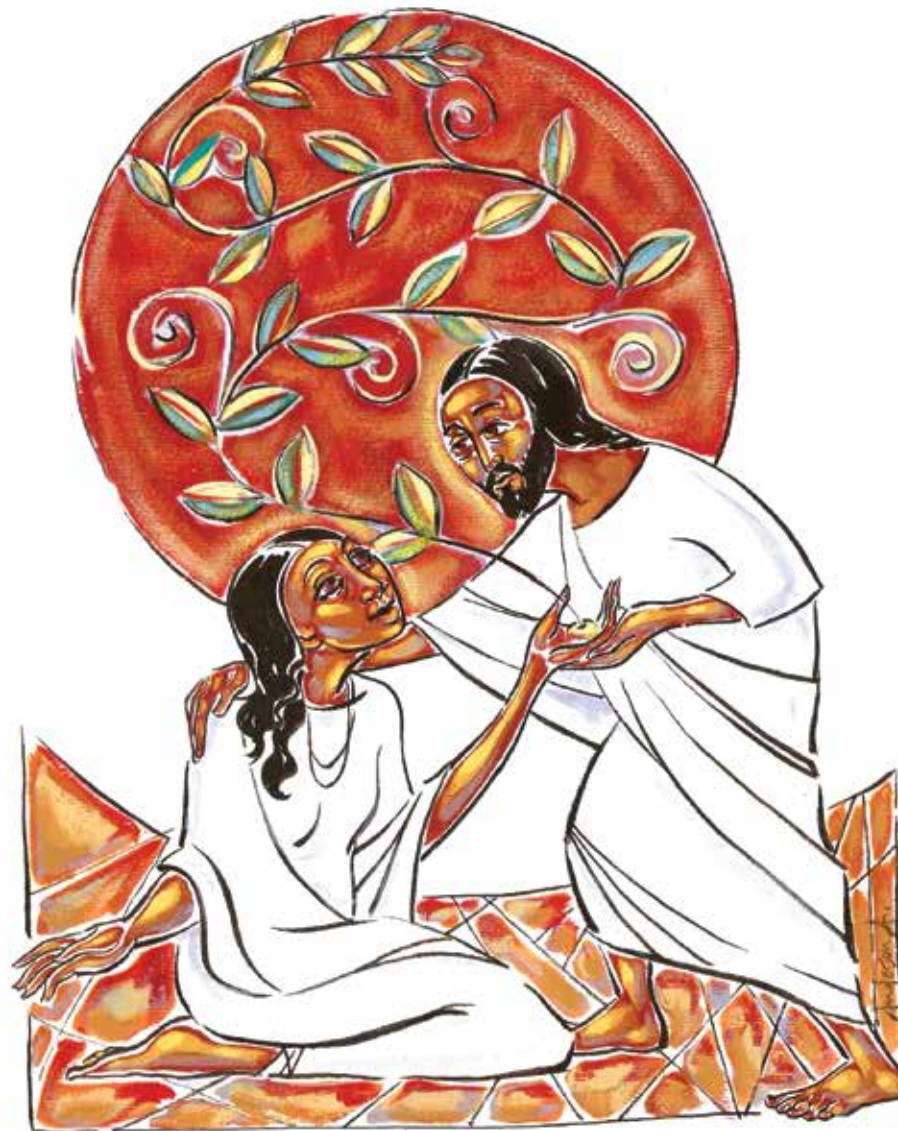
Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.



- Começar de novo: por uma reconstrução da especificidade da Vida Religiosa Apostólica
- A vivência hoje do núcleo identitário da VRC
- Vida Consagrada e Missão
- Um novo modelo de VRC missionária hoje

Sumário

Editorial

Vida Apostólica, mística, comunidade e missão 433

Palavra do Papa

Carta do Papa Bento XVI por ocasião do “Ano Clariano” 436

Informes

As Jornadas Mundiais da Juventude..... 442

Betânia, mosaico de vidas 449

Encontro das Águas –VRC na Amazônia. Fazendo memória e construindo a história 454

Arte e Cultura

A geração Z

PLUTARCO ALMEIDA..... 458

Artigos

Começar de novo. Por uma reconstrução da especificidade da VRA
CARLOS PALÁCIO 462

A vivência hoje do núcleo identitário da VRC
ANNETTE HAVENNE..... 472

Vida Consagrada e missão. Preparando o Congresso Americano Missionário
(CAM 4) e o Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA 9)
IRMÃO NERY 484

Tarefas que apontam para um novo modelo de Vida Religiosa Consagrada missionária hoje
ESTÊVÃO RASCHIETTI 499



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj

MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst

Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp

Pe. Cleto Caliman, sdb

Pe. Jaldemir Vitório, sj

Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507

Ed. Venâncio II

70393-900 - Brasília - DF

Tel.: (61) 3226-5540

Fax: (61) 3225-3409

E-mail: crb@crbnacional.org.br

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas

do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:

Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2012: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90

Chegaram os dois novos livros da Coleção Teologia e Vida Religiosa!



Uma parceria:

CRB Nacional

ESTEUF – Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana

À venda em todas as Regionais CRB

ou através do e-mail: publicacoes@crbnacional.org.br.

Vida Apostólica, mística, comunidade e missão

433

EDITORIAL

Gente querida,
leitores e leitoras da *Convergência*,
a revista dos Religiosos e das Religiosas do Brasil!

Abrimos nossas páginas lembrando os franciscanos e as franciscanas e, de modo especial, as clarissas do mundo inteiro, pois toda a Igreja celebra o “Ano Clariano” por ocasião do VIII centenário da conversão e consagração de Santa Clara.

O Papa Bento XVI dirige uma carinhosa mensagem a Dom Domenico Sorrentino, bispo de Assis-Nocera Umbra-Gualdo Tadino, na Itália, unindo-se às alegrias da imensa família franciscana nas celebrações em honra de Clara de Assis.

Em fevereiro último, a CRB Nacional promoveu, em Itaici-SP, o Seminário de Vida Religiosa Consagrada, e uma das palestras mais aplaudidas foi, sem dúvida, a que o Padre Carlos Palácio proferiu. Solicitamos, então, que ele a adaptasse para o formato de artigo. É com alegria, portanto, que publicamos nesta edição da *Convergência* o texto “Começar de novo. Por uma reconstrução da especificidade da Vida Religiosa Apostólica”, certos de que os mesmos questionamentos levantados pelo autor, diante de cerca de três centenas de Superiores(as) Maiores, encontrarão uma boa ressonância também no coração e nas mentes dos leitores da revista. A este grande jesuíta o nosso agradecimento sincero.

A outra colocação que mexeu com os(as) participantes daquele Seminário foi feita por Annette Havenne, das Irmãs de Santa Maria (ism), tendo por título “A vivência hoje do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada”.

Mística, comunidade e missão, para Annette, é o tripé que sustenta a VR apostólica.

O terceiro artigo é um subsídio que colocamos em função, sobretudo, da realização de dois grandes eventos: o Congresso Americano Missionário (CAM 4) e o Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA 9). De volta às páginas da nossa revista, o Irmão Nery, fsc, com a lucidez de sempre, escreve sobre “Vida Consagrada e missão”.

Como esta é uma edição dupla, trazemos um artigo a mais, esperando que em julho, por ser um mês de férias (ao menos para alguns[mas] Religiosos[as]), nossos(as) leitores(as) tenham mais tempo disponível para a leitura.

Estêvão Raschietti, Religioso xaveriano, diretor do Centro Cultural Missionário (CCM), de Brasília, e membro da Equipe de Reflexão Missionária (ERM) da CRB Nacional, convida-nos a refletir sobre as “Tarefas que apontam para um novo modelo de Vida Religiosa Consagrada missionária, hoje”. Padre Estêvão propõe uma reflexão a partir do *Documento de Aparecida*.

Neste número os “Informes” começam com um comentário do assessor de Juventudes da CRB, o Frei capuchinho Rubens Nunes da Mota, sobre “As Jornadas Mundiais da Juventude”. Em julho do próximo ano, o Brasil vai sediar a JMJ, e este grande acontecimento com certeza já está envolvendo (e comprometendo) muitas Congregações e Institutos de VRC.

O segundo informe nos chega do Rio de Janeiro e relata a bonita experiência vivida por um grupo de Religiosas, leigos e leigas, animadas pela Ir. Maria Elci Zerma, Serva da Santíssima Trindade: “Betânia, mosaico de vidas”.

Completando a seção, divulgamos a declaração final do “Encontro das Águas. Vida Religiosa Consagrada na Amazônia: fazendo memória e construindo a história”. Este

encontro reuniu as Diretorias das Regionais CRB de Porto Velho, Manaus e Belém, de 17 a 20 de maio deste ano.

“A Vida Religiosa Consagrada da e na Amazônia continua vivendo o desafio de, a exemplo das águas, buscar córregos para encontrar-se e rever sua missão, pois se ‘as águas não se encontram, elas apodrecem e morrem’.”

A seção “Arte & Cultura” deste número traz uma breve reflexão sobre “A Geração Z”, ou seja, a geração nascida nos anos 2000. Se a Vida Religiosa tem algum futuro, esse futuro passa pela compreensão dos novos fenômenos, das novas cabeças plugadas no tempo das sofisticadas tecnologias da informação e da comunicação.

Então,

muito bom-dia para quem é de bom-dia,
muito boa-tarde para quem é de boa-tarde,
muito boa-noite para quem é de boa-noite,
boas férias para quem vai sair de férias
e, para todo mundo,
boa leitura e bom proveito!

PADRE PLUTARCO ALMEIDA, SJ

Carta do Papa Bento XVI ao bispo de Assis-Nocera Umbra-Gualdo Tadino por ocasião do “Ano Clariano”

Ao Venerado Irmão
Domenico Sorrentino
Bispo de Assis-Nocera Umbra-Gualdo Tadino

Foi com alegria que tomei conhecimento de que nessa Diocese, assim como entre os Franciscanos e as Clarissas do mundo inteiro, se está a recordar Santa Clara com um “Ano Clariano”, por ocasião do VIII centenário da sua “conversão” e consagração. Tal evento, cuja datação oscila entre 1211 e 1212, completava, por assim dizer, “o feminino” a graça que tinha alcançado poucos anos antes a comunidade de Assis com a conversão do filho de Pietro de Bernardone. E, como acontecera para Francisco, também na decisão de Clara se escondia o rebento de uma nova fraternidade, a Ordem clariana que, tornando-se uma árvore frondosa, no silêncio fecundo dos claustros continua a espalhar a boa semente do Evangelho e a servir a causa do Reino de Deus.

Esta feliz circunstância impele-me a voltar idealmente a Assis, para meditar com Vossa Excelência, venerado Irmão, com a comunidade que lhe foi confiada e, igualmente, com os filhos de São Francisco e as filhas de Santa Clara, sobre o sentido deste acontecimento. Com efeito, ele fala também à nossa geração, e tem um fascínio sobretudo para os jovens, aos quais dirijo o meu pensamento carinhoso por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, celebrada este ano, segundo a tradição, nas Igrejas particulares precisamente neste dia do Domingo de Ramos.

É a própria Santa que fala, no seu Testamento, da sua escolha radical de Cristo em termos de “conversão” (cf. FF 2825). É a partir deste aspecto que me apraz começar, quase retomando o discurso feito em referência à conversão de Francisco no dia 17 de junho de 2007, quando tive a alegria de visitar esta Diocese. A história da conversão de Clara centra-se na festa litúrgica do Domingo de Ramos. Com efeito, o seu biógrafo escreve:

Estava próximo o dia solene dos Ramos, quando a jovem foi ter com o homem de Deus para lhe perguntar sobre a sua conversão, quando e de que modo devia agir. Padre Francisco ordena que no dia da festa, elegante e ornamentada, vá aos Ramos no meio da multidão do povo, e depois na noite seguinte, saindo da cidade, transforme a alegria mundana no luto do domingo da Paixão. Portanto, quando chegou o dia de domingo, no meio das outras mulheres, a jovem, resplandecente de luz festiva, entra com as outras na igreja. Ali, com prenúncio digno, aconteceu que, enquanto os outros corriam para receber os ramos, Clara, por pudor, permaneceu imóvel e então o Bispo, descendo os degraus, chegou até ela e depôs o ramo na suas mãos (*Legenda Sanctae Clarae virginis*, 7: FF 3168).

Tinha passado cerca de seis anos desde que o jovem Francisco empreendera o caminho da santidade. Nas palavras do Crucifixo de São Damião – “Vai, Francisco, repara a minha casa” – e no abraço aos leprosos, Rosto sofredor de Cristo, ele tinha encontrado a sua vocação. Disto brotara o gesto libertador do “despojamento” na presença do Bispo Guido. Entre o ídolo do dinheiro que lhe fora proposto pelo pai terreno, e o amor de Deus que prometia encher o seu coração, não teve dúvidas, e com ímpeto exclamara: “De agora em diante poderei dizer livremente: Pai nosso, que estais no Céu, e não já pai Pietro de Bernardone” (*Segunda Vida*, 12: FF 597). A decisão de Francisco tinha desconcertado a Cidade. Os primeiros anos da sua nova vida foram caracterizados por dificuldades, amarguras e incompreensões. Mas muitos começaram a meditar. Também a jovem Clara,

então adolescente, foi sensibilizada por este testemunho. Dotada de um acentuado sentido religioso, foi conquistada pela “mudança” existencial daquele que tinha sido o “rei das festas”. Achou o modo de o encontrar e deixou-se envolver pelo seu fervor por Cristo. O biógrafo faz um esboço do jovem convertido, enquanto instrui a nova discípula: “Padre Francisco exortava-a ao desprezo pelo mundo, demonstrando-lhe com uma palavra viva que a esperança deste mundo é árida e traz desilusão, e instilava nos seus ouvidos a dócil união de Cristo” (*Vita Sanctae Clarae Virginis*, 5: FF 3164).

Segundo o Testamento de Santa Clara, ainda antes de receber outros companheiros, Francisco tinha profetizado o caminho da sua primeira filha espiritual e das suas irmãs de hábito. Com efeito, enquanto trabalhava pela restauração da Igreja de São Damião, onde o Crucifixo lhe tinha falado, anunciara que aquele lugar teria sido habitado por mulheres que glorificariam Deus com o seu santo teor de vida (cf. FF 2826; cf. Tomás de Celano, *Segunda Vida*, 13: FF 599). O Crucifixo original encontra-se agora na Basílica de Santa Clara. Aqueles grandes olhos de Cristo, que tinham fascinado Francisco, tornaram-se o “espelho” de Clara. Não é por acaso que o tema do espelho lhe será tão querido e, na IV carta a Inês de Praga, escreverá: “Fixa todos os dias este espelho, ó rainha esposa de Jesus Cristo, e nele perscruta continuamente o teu rosto” (FF 2902). Nos anos em que se encontrava com Francisco para aprender dele o caminho de Deus, Clara era uma jovem atraente. O Pobrezinho de Assis mostrou-lhe uma beleza superior, que não se mede com o espelho da vaidade, mas desenvolve-se numa vida de amor autêntico, nas pegadas de Cristo Crucificado. Deus é a beleza verdadeira! O coração de Clara iluminou-se com este esplendor e isto incutiu-lhe a coragem de deixar que lhe cortassem os cabelos e de começar uma vida penitente. Para ela, como para Francisco, esta decisão foi marcada por muitas dificuldades. Se alguns familiares a compreenderam sem dificuldade, e a mãe Ortolana e duas irmãs até a seguiram na sua escolha de vida, outros reagiram violentamente. A sua fuga de casa, na noite entre o Domingo de Ramos e

a Segunda-Feira Santa, teve aspectos aventureiros. Nos dias seguintes foi perseguida nos lugares onde Francisco lhe tinha preparado um refúgio e tentaram em vão, até com a força, fazê-la renunciar ao seu propósito.

Clara preparara-se para esta luta. E se Francisco era o seu guia, um apoio paterno vinha-lhe também do Bispo Guido, como vários indícios sugerem. Explica-se assim o gesto do Prelado que se aproximou dela para lhe oferecer o ramo, como que para abençoar a sua escolha corajosa. Sem o apoio do Bispo, dificilmente teria sido possível realizar o projeto idealizado por Francisco e levado a cabo por Clara, quer na consagração que ela fez de si mesma na Igreja da Porciúncula na presença de Francisco e dos seus frades, quer na hospitalidade que recebeu nos dias seguintes no Mosteiro de São Paulo das Abadessas e na Comunidade de “Sant’Angelo in Panzo”, antes da chegada definitiva a São Damião. A vicissitude de Clara, como a de Francisco, demonstra assim uma característica eclesial particular. Nela encontram-se um Pastor iluminado e dois filhos da Igreja que se confiam ao seu discernimento. Instituição e carisma interagem maravilhosamente. O amor e a obediência à Igreja, tão acentuados na espiritualidade franciscano-clariana, afundam as raízes nesta bonita experiência da comunidade cristã de Assis, que não só gerou para a fé Francisco e a sua “plantinha”, mas também os acompanhou com a mão pelo caminho da santidade.

Francisco tinha visto bem a razão para sugerir a Clara a fuga de casa, no início da Semana Santa. Toda a vida cristã, e portanto também a vida de consagração especial, constituem um fruto do Mistério pascal e uma participação na morte e na ressurreição de Cristo. Na liturgia do Domingo de Ramos, dor e glória entrelaçam-se, como um tema que depois se desenvolve nos dias seguintes, através da obscuridade da Paixão, até a luz da Páscoa. Com a sua escolha, Clara revive este mistério. No dia dos Ramos recebe, por assim dizer, o seu programa. Depois, entra no drama da Paixão, cortando os seus cabelos e com eles renunciando inteiramente a si mesma para ser esposa de Cristo na humildade e na pobreza. Francisco e os seus companheiros já

são a sua família. Depressa chegarão irmãos de hábito também de terras distantes, mas os primeiros rebentos, como no caso de Francisco, despontarão precisa343o43sesciamo 6

unida e feliz, acrescenta nuvens no horizonte. Mas não faltam jovens que, também nos nossos dias, aceitam o convite a confiar-se a Cristo e a enfrentar com coragem, responsabilidade e esperança o caminho da vida, inclusive fazendo a escolha de deixar tudo para o seguir no serviço total a ele e aos irmãos. A história de Clara, juntamente com a de Francisco, é um convite a meditar sobre o sentido da existência e a procurar em Deus o segredo da alegria verdadeira. É uma prova concreta de que quantos cumprem a vontade do Senhor e confiam nele não só nada perdem, mas encontram o verdadeiro tesouro capaz de dar sentido a tudo.

A Vossa Excelência, venerado Irmão, a esta Igreja que tem a honra de ser o lugar de nascimento de Francisco e de Clara, às Clarissas, que mostram quotidianamente a beleza e a fecundidade da vida contemplativa, em prol do caminho de todo o Povo de Deus, e aos Franciscanos do mundo inteiro, a tantos jovens à procura e necessitados de luz, confio esta breve reflexão. Faço votos por que ela contribua para fazer redescobrir cada vez mais estas duas figuras luminosas do firmamento da Igreja. Com um pensamento especial para as filhas de Santa Clara do Protomosteiro, dos demais mosteiros de Assis e do mundo inteiro, concedo de coração a todos a minha Bênção Apostólica.

Vaticano, 1º de abril de 2012, Domingo de Ramos

BENTO XVI

As Jornadas Mundiais da Juventude

RUBENS NUNES DA MOTA, OFMCAP*

A partilha desta temática acontece a um ano do grande evento e quer possibilitar uma reflexão sobre o grande acontecimento que é a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), tentando compreender sua trajetória, percebendo seus valores e possíveis limites. Esta iniciativa é corajosa, pois minha experiência, enquanto presença nas JMJs, se restringiu à 26^a, em Madrid, 2011. Contudo, enquanto assessor da CRB Nacional para o Setor Juventudes, participei de várias discussões sobre a preparação do evento no Brasil e é essa a principal motivação que tenho nesta elaboração. Uma das grandes preocupações que foi suscitada é que tal acontecimento não seja somente mais um evento e que não venha “atropelar” os processos que estamos fazendo, mas que possamos aprender com o itinerário percorrido, ajudando-nos em nossa caminhada como Igreja, Religiosos(as) e Juventudes em nossas diversas articulações, arquidioceses/dioceses, províncias, pastorais e movimentos.

Papel da história

Conhecer a história é muito mais do que ter dados sobre acontecimentos, é perceber e refletir sobre o movimento da vida. O termo que melhor expressa este movimento, quando falamos das JMJs, é *processo*, pois é compreendendo-o que se torna possível iluminar o caminho a ser construído. É com base na experiência vivida, com suas virtudes e limites, que se torna possível edificar uma nova história, um sonho possível de valorizar a vida e vigor das Juventudes.

* **Frei Rubens Nunes da Mota**
é Religioso capuchinho, psicólogo e assessor executivo da CRB Nacional para Juventudes.
Endereço do autor: SGAS Quadra 906, Conjunto D, CEP 70390-060, Brasília-DF.
E-mail: freirubens@crbnacional.org.br.

Ao longo da história, algumas atitudes e iniciativas têm marcado mais assertivamente cada período, fazendo acontecer o que é clamor próprio de cada marco histórico. As “Jornadas Mundiais da Juventude” têm tido este importante papel de marcar, como evento de massa, com a tonalidade da Fé, da Esperança e da Comunhão. Nesse sentido, dar atenção ao processo histórico feito pelas “Jornadas”, atualizando de acordo com os apelos dos sinais dos tempos atuais, é valorizar um dos eventos que edifica e sinaliza a unidade na Igreja. Refletir e valorizar a história não significa negligenciar os limites, ao contrário, significa aprender com os erros para avançar. O termo *processo* implica a compreensão de que a cada geração é confiada a responsabilidade de dar sua contribuição na história.

Sabemos que não basta revisar os acontecimentos passados, pois o *processo* implica assumir e aprender com tais feitos. É assumindo nossa história que temos como ressignificá-la. Por que não assumir a JMJ como nosso evento para que juntos(as) busquemos respostas para os atuais clamores das Juventudes? Assim sendo, estes poucos dados sobre as “Jornadas Mundiais da Juventude” querem valorizar o processo até aqui percorrido e impulsionar um novo aprendizado que inspire o caminho que estamos construindo em nosso País.

Inspiração primeira e estrutura

A Jornada Mundial da Juventude, inicialmente, foi editada para acontecer anualmente, no Domingo de Ramos, mas foi tomando proporções que dificultaram sua organização em prazos tão curtos. A primeira foi em Roma, depois passou a ser de dois em dois anos e a ter rotatividade entre os países. A JMJ teve sua primeira edição nos anos de 1983-1984, durante o jubileu, tendo o ânimo juvenil e o Ano Internacional da Juventude como inspiradores das Jornadas. Na cerimônia, os jovens recebem uma Cruz e uma imagem de Nossa Senhora. Após a proclamação do Ano Internacional da Juventude pela ONU, a Igreja, na pessoa de João Paulo II, institui as Jornadas Mundiais.

As JMJs têm etapas específicas, momentos que concretizam o evento. Faz parte do rito, de cada evento, trazer a memória e origem das JMJs e o anúncio de onde será a próxima, o país que a sediará. A mensagem principal da cerimônia é um convite às Juventudes para uma preparação espiritual em vista do evento. Essa preparação se dá através de catequeses que acontecem ao longo da semana com temáticas instituídas para a jornada, visando a evangelização das Juventudes. São preparadas celebrações penitenciais. Após uma peregrinação, os participantes buscam a reconciliação, havendo espaços para confissões, proporcionando o encontro pessoal com Jesus.

Faz parte da estrutura da MJM uma programação que compreende encontros e experiências espirituais, com vigílias, celebrações e momentos culturais, com festivais e apresentações teatrais, promovidos todas as tardes, em vários pontos da cidade-sede da MJM. Nos eventos espirituais, como a vigília, por exemplo, são refletidos temas sobre memória, fidelidade, novidade da fé em Jesus Cristo, dando voz a vários personagens como referenciais para os jovens (Jesus Cristo, Nossa Senhora e santos). Esses momentos apresentam três aspectos fortes: acolhimento da Cruz, recitação dos salmos e oração basilar. Nos eventos culturais são apresentados temas religiosos ou aspectos da cultura local para tornar o país conhecido.

Memória do processo

As JMJs são descritas¹ como um evento capaz de levar seus participantes a fazerem uma forte experiência festiva de fé e vínculo eucarístico, aproximar mais da unidade da Igreja, da reconciliação e da festa. Essas experiências são somadas às conexões que acontecem entre as nações, com tantos jovens de vários países, proporcionando uma visão da catolicidade da Igreja. Outra descrição diz respeito à missionariedade das JMJs, revelando a esperança da realização do Reino de justiça, através do anúncio da paz e da experiência de Comunhão. Por fim, o encontro entre o papa e os jovens quer

1. CARDOSO, Erolfilho Lopes. *A mensagem teológico-pastoral do papa João Paulo II nas vinte JMJs*. Salto: Ed. Schoba, 2006.

revelar a comunhão de seus fiéis com pastores, pois todos procuram Deus de coração sincero através desse alegre e festivo encontro de países e de línguas que ocorre na JMJ.

A base teológica da JMJ, muito difundida por seu mentor, o Papa João Paulo II, é cristocêntrica, para revelar, através da Cruz, a face de Cristo, proporcionando uma forte experiência religiosa para a juventude. Nesse itinerário teológico o papa é o sinal visível da aproximação da Igreja em comunhão com outros jovens que procuram a Deus de coração sincero. Para essa aproximação é ressaltada a globalização, através da diversidade cultural, presente na JMJ, utilizando seus aspectos positivos: paz; alegria; fraternidade. Se o sistema econômico globaliza e padroniza através do capital, por que não globalizar os valores cristãos?

De acordo com as narrativas feitas (Cardoso, 2006), a socialização dos diversos aspectos culturais, dentro dos valores cristãos, constituiu uma dimensão evangelizadora, capaz de fazer com que os jovens voltem para suas casas com ânimo para encarar o dia a dia com orgulho de ser cristão. Compreendem que é possível afirmar a própria fé sem arrogância. Ajuda a viver a comunhão e participação no âmbito da Igreja universal. Ameniza o receio a pertença à instituição Igreja, pois os jovens dizem seu *sim* a partir da liberdade e convicção.

Esses relatos mostram que os principais frutos da JMJ são os seguintes: movimentar as cidades em todos os aspectos; estimular a Igreja como um todo; diminuir a distância entre as juventudes e a Igreja (melhora a imagem da Igreja); incentivar a dimensão vocacional e missionária (despertando o chamado). Em síntese, é uma celebração festiva de fé e alegria, proporcionando momentos inesquecíveis para os seus participantes.

Algo que aparece nos dados sobre o perfil dos jovens que participam das jornadas: estatisticamente, são 14,8% os jovens que têm uma vivência um tanto afastada e que vão às JMJs buscar motivação para a caminhada cristã; 37,1% aparecem como os que têm compromisso e consciência e participam da JMJ para buscar uma forte experiência de fé;

15,3% são os que mostram ter uma vivência intensa de sua fé e, por fim, 32,8% são os que participam por tradição.

Essas descrições falam de algumas experiências positivas que podem ajudar na valorização de aspectos interessantes que a JMJ proporciona, sinalizando o que já deu certo e que pode inspirar este nosso caminho. Por outro lado, aparecem estatísticas que revelam o quadro dos participantes, que podem suscitar questões ainda não refletidas referentes à nossa realidade cultural e econômica, bem como aos traços religiosos próprios, contribuindo, assim, para a 27ª versão, que está sendo construída em nosso País.

Etapas da Jornada

Cruz e cone de Nossa Senhora na Jornada: símbolo da peregrinação!

A Jornada é preparada por um tempo de peregrinação da Cruz. No caso do Brasil, esse período está sendo de praticamente dois anos (18 de setembro de 2011 a julho de 2013). A Cruz é o símbolo que visa a preparar o País, congregar as Juventudes e prepará-las para a JMJ. A ligação da Cruz à Jornada Mundial da Juventude começou um ano antes da primeira edição do evento. No dia 31 de março de 1985, Domingo de Ramos, data que a Igreja Católica assinala como Dia Mundial da Juventude, o Papa João Paulo II fez a entrega da Cruz, que desde então tem sido ocasião de aprofundamento da fé e de reconciliação com o Catolicismo para milhões de jovens em todo o mundo.

Tão simples como a Cruz é o ícone de Nossa Senhora, porém capaz de dar uma força espiritual tão grande que reúne milhares de jovens em todos os lugares. A Cruz e o ícone se tornaram referências de valores, que aproximam as diversas Juventudes tanto da Paixão/Ressurreição quanto do amor pela mãe de nosso Senhor.

Pre-Jornada

Na semana que antecede a Jornada acontece uma grande missão, onde são acolhidos jovens de diversos países para conhecer a realidade do País que sedia, em vista da preparação para a Jornada e da aproximação cultural. Como são muitos os jovens, são selecionadas várias cidades e estados para esse momento. As arquidioceses, dioceses, paróquias e Congregações Religiosas são preparadas para acolher e acompanhar, através de diversas atividades, os visitantes.

arquidioceses/dioceses, estados e País, a fim de fazer da JMJ uma grande oportunidade para *evangelização*.

Tanto as equipes diretamente responsáveis como nós, CRB Nacional, nos preocupamos para que a JMJ não seja somente um grande evento e que esse evento não venha “atropelar” as programações das pastorais, movimentos e Congregações que estão acontecendo. Para tanto, devemos estar atentos(as) a esse movimento importante: incluir o tema da JMJ, sem, porém, esgotar a dinâmica missionária nesse evento.

Conclusão

Ao terminarmos esta breve exposição sobre o percurso das JMJs, valorizando suas contribuições assertivas e aprendendo com seus limites no processo de evangelização das Juventudes, fica o chamado para que continuemos nos empenhando no acompanhamento, enfocando na assessoria para que juntos(as) possamos construir a civilização do amor que valorize a vida acima da instrumentalização.³

Que a “paz inquieta” de Jesus nos impulse nesta caminhada, paz que opta pela vida, paz que regula as relações sociais, capaz de encarnar propostas de vida que levem à edificação do Reino, anunciando a dignidade humana e denunciando a cultura de morte, que tanto ameaça as Juventudes.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como nos envolvermos neste grande mutirão em prol da JMJ no Brasil?
2. Como não parar no evento, mas trabalhar as motivações antes, durante e depois para continuidade?

3. Ibid.

MARIA ELCI ZERMA, PDDM*

*“Betânia de Loreto, mosaico multicolor
Neste coração você tem lugar!”*

Entrando na roda...

Convocada por uma irmã, parceira na missão, para fazer um relato testemunhal do Projeto Betânia, remeto-me à minha consagração religiosa, há cinquenta anos. E partilho com vocês, mulheres e homens consagradas(os) para o Reino, um pouco da minha resposta à gratuidade do amor de Deus ao longo desse meio século. Pertencço à Congregação das Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre, que têm por carisma “Liturgia e arte a serviço da vida”.

Nos primeiros anos de consagração, e ainda por algum tempo, dediquei-me à missão litúrgica, como também à formação das futuras discípulas. Posteriormente, vivenciei outras experiências missionárias.

Vindo de Curitiba-PR para o Rio de Janeiro-RJ, em 1997, um chamado especial de Deus mudou meu foco discipular-missionário. Percebi uma realidade que exigia ser olhada com caridade e ação transformadora. Moradores(as) de rua – desde crianças até idosos – dominados pela fome, doença, álcool e outras drogas, empobrecidos(as) de toda sorte, eram os rostos que me interpelavam. Senti nesses rostos a presença de Jesus desfigurado e, ao mesmo tempo, o apelo do Divino Mestre e Pastor para acolhê-los.

* **Irmã Maria Elci Zerma** pertence à Congregação das Pias Discípulas do Divino Mestre. Fundadora e diretora-presidente da Associação Solidários Amigos de Betânia (ASAB). Endereço da autora: <www.betanciasab.org.br>. E-mail: secretaria@betanciasab.org.br.

Da inquietude aos primeiros passos...

Interpelada pela denúncia profética dos diversos grupos de rua que “malocavam” debaixo das marquises e de um viaduto, no Bairro Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro, coloquei-me como Maria de Betânia, aos pés do Mestre, e escutava...

Compreendi que era necessário buscar parcerias para dar uma resposta humana e evangélica àquela situação. A Pastoral Missionária do Santuário São Camilo de Lélis, presente naquele contexto geográfico e social, naquela hora cronológica e teologal, foi a mão solidária que se estendeu primeiro.

Iniciamos os contatos com a população do submundo, *ouvindo... acolhendo... criando laços...* Conhecendo as histórias de vida e as necessidades e urgências a serem atendidas. Percebemos que devíamos acionar o Poder Público – especialmente a assistência social do município –, envolver as instituições da sociedade civil, as paróquias e Congregações Religiosas da região, para uma ação eficaz. As pessoas caídas na rua clamavam por reintegração pessoal e reinserção familiar e social. Além da condição desumana em que se encontravam, pairavam sobre elas o preconceito, a discriminação da sociedade e a violência policial.

Nosso grupo da pastoral interagiu com algumas religiosas¹ e reuniu-se com as autoridades públicas para dialogar sobre as condições dos(as) excluídos(as) sem domicílio. Da experiência das primeiras ações surgiu a necessidade de um projeto libertador.

O Projeto Betânia

Inspirado nas passagens evangélicas do bom samaritano e das amigas de Jesus, Marta e Maria (Lc 10,25-37; 38-42), foi gestado o Projeto Betânia, que recebeu a adesão total do grupo da Pastoral Missionária e a agregação de alguns(mas) novos(as) parceiros(as). Luciene Giovannoni, de feliz memória, e com ela outros(as) pioneiros(as) são ícones desse conjunto. Com esses atores históricos nasceu, em 3

1. Nas primeiras ações estiveram presentes as irmãs Irene Conceição Cortez e Maria Fernanda de Jesus, obp; Inês Caixeta, mscj; e Maria de Lourdes Mendes, fscj.

de dezembro de 1999, a Associação Solidários Amigos de Betânia (ASAB). Com a Missão definida de *acolher, recuperar e inserir na sociedade a população em situação de rua*, o sonho acordado tornou-se possibilidade real.

A amiga Luciene despertou no grupo a esperança de conseguir um imóvel com área de 1.705,32m², propriedade da Mitra Arquidiocesana. O mesmo estava situado na Praça Nossa Senhora de Loreto, na Freguesia/Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro. O referido imóvel foi, então, cedido sob o regime de comodato, tornando-se a sede da entidade nascente. O apoio jurídico de um advogado parceiro e a intuição feminina e solidária de Luciene e de outras mulheres que se agregaram apaixonadamente ao Projeto consolidaram a ASAB.

Betânia de Loreto: casa-coração-acolhida!

Em julho de 2000, o grupo, já fortalecido com outros(as) voluntários(as) da Paróquia Nossa Senhora de Loreto, realizou a primeira “aproximação” (usamos essa expressão, diferenciando de “abordagem”, para não confundir com “abordagem policial”) com a população de rua do entorno da Freguesia até a Praça Seca. Foram entregues crachás-convites para um café da manhã na Ladeira da Freguesia/Praça Nossa Senhora de Loreto. O evento aconteceu num clima de muita alegria, os(as) “visitantes” se sentiram muito bem acolhidos(as). Assim, no dia 8 de julho de 2000, a ASAB iniciou suas atividades de acolhida, recuperação e inclusão social de homens e mulheres, com a colaboração da Comunidade e de outros benfeitores(as) que surgiram, através de convites e divulgação do Projeto pelos Meios de Comunicação Social. Profissionais nas áreas do serviço social, da saúde, da arquitetura e engenharia civil e outros(as) tantos(as) apoiadores(as) colaboraram para que, mesmo sem muitos equipamentos e recursos financeiros, uma acolhida humanizada e de promoção integral fosse oferecida aos(às) irmãos(ãs) vindos(as) das ruas.

Em 2006, habilitada juridicamente com as devidas inscrições e títulos exigidos – conselhos Municipal e Nacional de Assistência Social, Utilidade Pública Municipal e Federal –, a ASAB conquistou sua inclusão na Rede do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) pelo convênio celebrado com a Prefeitura do Rio de Janeiro através da Secretaria Municipal de Assistência Social.

Em agosto de 2007, foram inauguradas as novas instalações do Espaço de Convivência Betânia, um prédio de três andares com capacidade para acolher cinquenta pessoas, construído com apoio financeiro da sociedade civil e apoio técnico-operacional do voluntariado.

Celebramos, em 2010, o décimo aniversário de Betânia de Loreto e o sexto do Sítio Betânia Jesus Mestre. Nessa caminhada histórica tudo foi construído com fé, amor e humilde confiança na Divina Providência, reconhecendo a dedicação dos(as) profissionais e a eficácia da *metodologia do programa transdisciplinar*. Este se desenvolve no período de quatro a nove meses, sequenciado em módulos que abrangem as dimensões socioeducativa, terapêutica e espiritual. O público-alvo é sempre os excluídos, preferidos de Jesus (Mt 5,1-12; 25,36-45; Lc 4,18-19)! Celebrando doze anos de sua existência, Betânia já acolheu mais de mil e quinhentas pessoas excluídas. 70% delas alcançaram a reinserção familiar e social. Neste momento de sua adolescência, dois projetos, na mística da sustentabilidade ambiental e geração de renda, dinamizam a programação da ASAB. “Recicle Vidas” e “Fibra Bananeira” são experiências de *produção, transformação e gestão* que sinalizam a comunhão solidária na dimensão econômica.

Nas sombras e luzes dessa história, lamentamos a interrupção do atendimento a mulheres vindas das ruas, triplamente discriminadas e que necessitam de um tratamento especializado. Pela falta de recursos para responder a esse clamor, Betânia Recrear, versão feminina, foi redimensionada. Como luz e confirmação trinitário-eclesial, reconhecemos, com o coração agradecido, a pertença, comunhão e apoio da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Seus pastores

sempre abençoaram e acompanharam nossa missão. A espiritualidade do seguimento de Jesus, eixo central, vivenciada pela leitura orante da Palavra no chão da vida e celebrada na pluralidade significativa e misteriosa da linguagem simbólica, perpassa o caminho andado, unificando o humano e o divino!

E a história continua... Ação de graças!

Em 8 de setembro deste ano culmina a celebração do jubileu da minha consagração religiosa. Contemplo com reverência e ação de graças essa história de amor. Deus me chamou, me consagrou, me enviou, como discípula, para servir os pobres, no meio deles. Com Maria, a Serva-discípula, proclamo: “Minha alma engrandece o Senhor e meu espírito exulta em Deus, meu Salvador!”. E com minhas irmãs, as Discípulas do Divino Mestre, com os(as) Solidários(as) Amigos(as) de Betânia, com leigos e leigas em seu protagonismo como voluntários(as), com os(as) acolhidos(as) do passado e do presente, com as religiosas² que se incluíram no coração de Betânia, com todos(as) que fizeram e fazem parte deste caminho, cantamos, em ciranda, nosso samba-enredo:

“Um mosaico desenhado/com arte e muito cuidado

Retrata o rosto de quem:/recobrou autoestima e dignidade (*bis*)

[...]

Betânia Maria, de Marta e de Lázaro/De gente amada e sofrida

Visitada por Jesus/Que ainda hoje visita/Seus irmãos desta

Betânia

Resgatando suas vidas” (*bis*)

Rio de Janeiro, 30 de abril de 2012

Dia Nacional da Mulher.

2. Atualmente, são parceiras na missão, participando do mosaico de vidas, Betânia!: Irmã Tereza Malathi, icm; Irmã Ruby Yed Diaz, mpnsjc; e Irmã Leiza Azeina-de Lima, sts.

Encontro das Águas. Vida Religiosa Consagrada na Amazônia: fazendo memória e construindo a história

A Vida Religiosa Consagrada da e na Amazônia continua vivendo o desafio de, a exemplo das águas, buscar córregos para encontrar-se e rever sua missão, pois, se “as águas não se encontram, elas apodrecem e morrem”. Este “encontro de águas” da VR da Amazônia tem seu “período de cheias” (fenômeno que ocorre na Amazônia) uma vez por ano, por volta do mês de maio. Trata-se do encontro das Diretorias da CRB das Regionais de Porto Velho, Manaus e Belém. A cada ano novos canais são abertos para que as águas alcancem a fluidez almejada e realizem sua missão. As atuais Diretorias Regionais (2009-2012) navegaram nestas águas por três anos e, na festa da Ascensão do Senhor deste ano, ouviram a mensagem do anjo que dizia: “Homens da Galileia, por que estais olhando para o céu?” (cf. At 1,11)? Essa voz, hoje, fez novo eco em nossos ouvidos: “Homens e mulheres da Vida Religiosa Consagrada da Amazônia, o que estão olhando? Quais são os seus sonhos e quais os horizontes que vocês precisam perseguir?”.

Assim, dando continuidade ao “Encontro das Águas” das atuais Diretorias – 2010, em Porto Velho-RO; 2011, em Manaus-AM; 2012, em Belém-PA – de 17 a 20 de maio estivemos reunidos, mais uma vez, para rever e projetar nosso itinerário de navegação. Agora a bússola indicava para a necessidade de olhar a História, focando a história da VRC na Amazônia. A celebração dos quarenta anos do *Documento de Santarém*, fruto do encontro dos bispos da Amazônia realizado, em 1972, na cidade de Santarém, serviu de referência para a retomada de nossa missão nesta vasta região, marcada

pela presença de tantas pessoas que entregaram sua vida pela causa do Reino.

Nos dois primeiros dias, além das Diretorias das três Regionais, tivemos a participação de Superiores Maiores, Religiosos e Religiosas de Belém e do Amapá. Com o olhar vasculhando a História, iniciamos com uma visita ao local que nos abrigava: o Colégio Santo Antônio, das Irmãs Doroteias da Frassinetti. O impacto da entrada já é grande: um prédio de mais de trezentos anos e que atualmente funciona como escola e residência das Irmãs. Ir. Maria Lúcia Câmara de Sousa, ssd, ajudou-nos no resgate da história de toda a edificação. Por trás de cada parede, de cada coluna, de cada pedra ali assentada, estavam as mãos de indígenas e de escravos africanos, bem como a engenharia dos frades capuchinhos vindos da Europa. Mas aquelas grossas paredes também escondem esperanças, ousadia, projetos. Os primeiros Religiosos que aqui chegaram foram portadores de grandes sonhos. “Quais são os sonhos da VR, hoje, na Amazônia?” Foi a pergunta que ficou ressoando no interior do claustro.

Irmã Tea Frigério, xaveriana, uma das assessoras do encontro, era a encarregada de ajudar a traçar o rosto da VR nos quarenta anos pós-Santarém. Com seu olhar crítico e feminista, sua alma mística e profética, após um belo momento místico e poético, fez uma leitura dos registros históricos e dos documentos em pauta, evidenciando a invisibilidade da Vida Religiosa Consagrada ao longo de toda essa rica trajetória. Sempre presente na história de evangelização da Amazônia, sua presença e atuação ficaram no anonimato ou na invisibilidade. A identidade religiosa está sob o véu do presbítero ou do agente de pastoral e não se visibiliza o ser Religioso, ser Religiosa consagrada. Fica a convocação e interpelação de ler e escrever a história a partir do cotidiano, ajudando também as águas dos pequenos igarapés a se encontrarem. Fazer o exercício de nomear a Vida Religiosa, torná-la visível na rica história da Igreja na Amazônia.

Monsenhor Raimundo Possidônio Carrera da Mata (Padre Cid), historiador e “mergulhador de muitas águas”, com seu dia e meio de assessoria, ajudou a navegar na história da

grande corrente do rio Amazonas. Contextualizou a caminhada da Igreja na América Latina, no Brasil e na Amazônia a partir dos maiores eventos e documentos. Lembrou a fundação da CNBB, em 1952, e ressaltou que a primeira Assembleia foi em Belém, de 17 a 20 de agosto de 1953. Informou também que os bispos da Amazônia faziam os seus encontros inter-regionais periodicamente, sendo o quinto em Santarém, em 1972, dando origem ao importante documento que em 2012 completa quarenta anos. Sob o impulso profético do Papa Paulo VI, a Igreja da Amazônia sentiu-se convocada e confirmada em sua identidade e missão. A frase emblemática de Paulo VI continua a ressoar ainda em nossos dias: “Cristo aponta para a Amazônia”.

Segundo o Padre Cid, o encontro de Santarém deu registro à certidão de nascimento da Igreja da Amazônia, assumindo, então, um rosto próprio. Os traços desse rosto foram bem delineados por duas diretrizes básicas: *encarnação na realidade* e *evangelização libertadora*, traços que marcaram profundamente também o rosto e a missão da VR neste vasto chão.

Esse rosto fitou seu olhar em cinco direções ou cinco prioridades, todas elas marcadas pelas mãos ágeis e pelo olhar missionário da VRC: formação de agentes de pastoral, Comunidade Cristã de Base, Pastoral Indígena, estradas e outras frentes pioneiras, Meios de Comunicação Social.

Ao celebrar os quarenta anos desse “nascimento”, a VRC lança seu olhar sobre a trajetória feita e observa que sua vida e missão foram profundamente influenciadas por esse novo rosto e esse novo olhar. Hoje se pode afirmar que Santarém foi um divisor de águas na peregrinação da VRC em meio à pujança das matas, à suntuosidade das águas, às estradas sem-fim, às aldeias e periferias de nossos povos, enfim, Santarém supõe uma Vida Religiosa mística e profética.

Concluindo, Padre Cid disse:

Pisar o chão amazônico sem comprometer-se com sua história – dor e ressurreição – seria diminuir a força libertadora do seguimento radical de Jesus Cristo. Muitos passos ainda devem

ser dados para que a Amazônia seja não só prioridade em muitos projetos de Ordens ou Congregações, que tomam decisões e fazem suas opções, desde fora dessa realidade, para que amadureça e se plenifique uma verdadeira mudança no modo de se organizar a VR a partir daqui deste lugar; para que a inculturação, questão emblemática que dá seus primeiros passos, possa ser assumida de verdade, de modo maduro e responsável, e se torne marca da encarnação efetiva e afetiva da VR amazônica e se estabeleça, cada vez mais, uma verdadeira comunhão com seus interesses e sonhos do povo amazônico, não como “anexo”, mas como uma nova fundação da VR que sirva de paradigma para toda a Igreja.

Com tal mergulho nas águas da História, a VR da Amazônia sente-se compelida a prosseguir na busca de fidelidade à sua vocação e missão neste chão. Assim, nos dias 19 e 20 os membros das Diretorias Regionais continuaram ouvindo alguns dos apelos mais contundentes: há que se buscar uma formação inicial e permanente mais adequada à VR da Amazônia. A questão do tráfico de pessoas em nossa realidade concreta é um clamor que chega a Deus e que reclama a presença profética da VRC. Queremos avançar na animação da VR e para isso nos perguntamos: “Que forma institucional deve ter uma Regional de CRB?”. “Como vamos sustentar nossas organizações?” Temos necessidade de saber quem e quantas pessoas da VRC somos nesta imensa Amazônia, pois a solidão, o isolamento, o anonimato ameaçam nossa missão. Ainda não conseguimos mapear nossa presença e encontrar as brechas para que as “águas possam verdadeiramente se encontrar”.

Esperamos que a celebração dos quarenta anos do *Documento de Santarém* reafirme o nosso compromisso como Igreja da Amazônia e nos dê um novo incentivo e ardor na nossa missão de consagrados e consagradas.

No envio que a Festa da Ascensão do Senhor nos faz, que ele nos cumule de sabedoria, de força e de coragem.

Belém-PA, 20 de maio de 2012.

Diretorias da CRB da “Região das Águas”

458

ARTE E CULTURA

A Geração Z

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

* **Padre Plutarco Almeida** é jesuíta, jornalista e editor da revista *Convergência*. Blog: plutarcoalmeids.blogspot.com

Gerações por letras?

Os estudiosos do comportamento, desde o século XX, classificam as gerações por letras. Assim, as pessoas nascidas entre 1925 e 1942 pertenceriam à “Geração Silenciosa” – que viveu a depressão gerada pelo final da Segunda Guerra Mundial e início da chamada “Guerra Fria” (EUA x URSS). As crianças nascidas entre 1943 e 1960 fariam parte da “Geração *Baby Boomers*”, filhos(as) do pós-guerra – geração dos jovens contestadores, dos *hippies* e dos movimentos contraculturais em todo o mundo, mas foi também a geração dos grupos juvenis que se apegaram às filosofias orientais e à religião, até mesmo ao Cristianismo, embora rejeitassem as instituições civis e eclesiásticas de qualquer tipo. Quem tem hoje entre trinta e cinquenta anos é herdeiro da “Geração X”, que curtiu artistas como Michael Jackson, assistiu à queda do muro de Berlim e à disseminação da Aids. O salto tecnológico começava a acontecer com a difusão dos computadores e alguns jogos eletrônicos. Então, aquele idealismo, aquela vontade de mudar o mundo, traços próprios da geração anterior, já não marcam presença. As economias mundiais crescem e por consequência crescem também a competitividade e o individualismo.

Para os estudiosos, quem nasceu entre o começo da década de 1980 e a virada da década de 1990 para a década de 2000 forma a “Geração Y”, que leva adiante, basicamente, os mesmos projetos e formas de vida da geração anterior. As tecnologias da informação e da comunicação, com a chegada da internet e das primeiras redes sociais, vão conformar (formatar?) esta geração e abrir caminhos para novas revoluções em todos os setores e espaços da vida humana.

A “Geração Z” é formada pelos adolescentes atuais, gente que veio ao mundo a partir do começo deste século. Esses meninos e meninas são a nova cara do mundo, são o novo jeito de ser humano, um jeito muito diferente do que estávamos acostumados a ver. Ao invés de idealismo, competição e busca do sucesso. Nada de sacrifícios, o que vale é o prazer pelo prazer. É uma geração que tem pressa, que vive

permanentemente conectada, plugada no mundo virtual, que tem sede de informação e sabe de tudo (ou pensa que sabe...), mas não tem opinião formada sobre quase nada.

O *Facebook* e o *Twitter* são as ferramentas atualmente preferidas desses “novos humanos”. Aliás, é preciso ressaltar que, quando ainda nem se usava amplamente a expressão “redes sociais”, o Brasil já dividia com a Índia a liderança no *Orkut*, por exemplo. Outro dado interessante: no começo da década de 2000, por várias vezes, fomos líderes mundiais em matéria de tempo médio de navegação na internet, ficando à frente de internautas dos EUA, Reino Unido, Japão, França e Alemanha, entre outros países. Nem vamos falar aqui do telefone celular, que no nosso País já supera a marca de quase dois aparelhos por habitante!

Há controvérsias

Entretanto, existem sociólogos, psicólogos e outros estudiosos do comportamento humano que acham que essa divisão não faz muito sentido, ou não deveria ser considerada assim com tanta rigidez. Um enquadramento desse tipo vai de encontro à rapidez com que o mundo e a sociedade giram nos dias de hoje. A cada dia que passa, os conceitos vão se tornando menos categóricos e mais suscetíveis de serem questionados. O que se sabe é que talvez seja possível encontrar, dentro de uma mesma geração, diversidades (disparidades?) e mudanças a serem consideradas. Por exemplo: alguém que na juventude saiu de casa e passou a viver como *hippie*, hoje pode estar muito bem instalado num sofá, curtindo a sua aposentadoria como um bom funcionário público, aliado ao sistema que contestou no passado. As ideias originais podem ter mudado, e até mesmo uma “conversão” aos valores do capitalismo pode ter ocorrido.

Sem querer, evidentemente, esgotar o assunto, acredito que a divisão aqui colocada pode, sim, ajudar a entender o perfil de cada geração, ainda que não devamos aplicar este recurso metodológico com tanta rigidez. Não se trata de nenhuma definição dogmática, completa ou definitiva. São

apenas indicativos ou pistas que podem facilitar o reconhecimento do caminho na busca de um melhor entendimento das gerações, as “velhas” e as “novas”.

Compreender e dialogar

Uma coisa é certa: as vocações que temos hoje na Vida Religiosa Consagrada são fruto de um novo tempo e de uma nova maneira de ser/estar no mundo. Não podemos “fabricar” vocações à nossa imagem e semelhança. Deus, afinal, continua chamando X, Y e também Z com a mesma generosidade com que chamou todas as gerações. E cada uma soube dar a resposta adequada à sua maneira, com todos os seus limites e possibilidades.

Sendo assim, o que nos interessa, em primeiro lugar, é compreender, ou melhor, tentar compreender o que se passa na cabeça de quem chega hoje para integrar as nossas Comunidades Religiosas. Não vamos, é lógico, entender completamente a cabeça de ninguém (muito menos a nossa, talvez). O verbo “compreender” aplica-se aqui não no sentido de um domínio completo e absoluto sobre a noção de alguma coisa. Por exemplo: quando alguém diz “eu compreendo a sua situação”, nem sempre está querendo afirmar que possui um conhecimento perfeito do que se passa com aquela pessoa. Trata-se muito mais de acolher o outro a partir da situação própria do outro, colocando-se um pouco no “mundo” do outro, respeitando as diferenças, com a maior consciência possível não apenas de suas limitações, mas também de suas possibilidades.

A compreensão, nesse sentido, não pode nascer de outra raiz que não seja o diálogo franco e honesto. Diálogo franco, isto é, sem meias palavras, sem jogos de cena ou discursos demagógicos. Diálogo honesto, quer dizer, sem falsas promessas, sem traições ou engodos de parte a parte. É, pois, através, e somente através, do diálogo cotidiano, ainda que sofrido, às vezes, que deveríamos tentar superar os conflitos geracionais na Vida Religiosa Consagrada.

O desafio está posto. Então, mãos à obra!

Começar de novo. Por uma reconstrução da especificidade da Vida Religiosa Apostólica

CARLOS PALÁCIO, SJ*

Para início de conversa: de que vamos tratar?

Deixemos provisoriamente de lado o título dado à minha intervenção na programação do seminário [“Conversão ao núcleo identitário da Vida Religiosa (VR)”]. Antes de chegarmos a essa formulação e de lhe captarmos o sentido, é preciso dar outros passos.

Desde o início quero deixar claro que a minha exposição se concentra na chamada “Vida Religiosa Apostólica” (VRA). “Apostólica” não no sentido institucional dos “doze”, mas no sentido do envio, da missão. E gostaria de começar com duas perguntas: *Onde nos encontramos* neste momento como VRA? E: *Qual é o futuro da VRA?* Não o futuro que nós pensamos ou podemos construir, mas o futuro de Deus, que nos é aberto pela docilidade ao Espírito.

Não faltam motivos para nos sentirmos cansados. E há muitas razões para cairmos na armadilha do ceticismo da velha Sara. Assalta-nos, mais de uma vez, a tentação de “entregar o jogo”. Por isso é bom lembrar a advertência da Carta aos Hebreus: “Vós ainda não resististes até ao sangue,[...]” (Hb 12,4). O “hoje” salvífico continua a ressoar em nossos

* **Padre Carlos Palácio** é jesuíta, doutor em Teologia, provincial do Brasil da Companhia de Jesus e vice-presidente da CRB. **Endereço do autor:** Rua Professor Alfredo Gomes, 28, Botafogo, CEP 22251-080, Rio de Janeiro-RJ. E-mail cpalacio.58@gmail.com.

Trata-se, nestas reflexões, de captar a peculiaridade da VRA, o que constitui, a meu ver, a sua especificidade. A minha abordagem, contudo, não será uma abordagem teórica. Não pretendo fazer uma “teologia da Vida Religiosa (VR)” hoje (tema que daria lugar a discussões sem fim) nem me preocupa a sua “fundamentação bíblica”. A referência a Mc 3,13-15 tem outro sentido, como veremos. Tampouco é este o momento de tecer considerações sobre o “diálogo da VR com a Pós-Modernidade”. Cada coisa tem o seu lugar.

De maneira despretensiosa, desejo apenas apresentar *uma* leitura, *uma* interpretação dessa forma peculiar de VR que é a “Vida Religiosa Apostólica”. Mas de um modo “existencial”.

O “livro das pessoas”: questão existencial

O que está em jogo hoje na VR é a vida das pessoas, a difícil tarefa de dizer e expressar quem somos (ou pelo menos o que desejamos ser), dando a ela uma expressão que possa ser compreendida e corroborada por uma vida coerente. A VRA, hoje, não apresenta uma figura definida.

No rosto de muitos dos nossos irmãos e irmãs está estampado o desencanto com a opção de vida que fizeram; outros transmitem a triste impressão de terem “estacionado” a vida (até aqui cheguei e basta!); alguns – não poucos! – enveredaram pelo caminho Pós-Moderno da autoafirmação, numa busca desenfreada da autorrealização a qualquer preço, que contradiz o fundamental “perder-se para ganhar-se” do Evangelho.

Nada disso, porém, está nos livros! Pertence, contudo, à vida das pessoas. Pois são elas os “livros vivos” que temos de aprender a ler! Livros permeados de armadilhas e sinuosidades, que nos ensinam coisas que nunca descobriremos nos “livros mortos escritos”. É essa a questão existencial que espera por uma resposta.

A realidade da VR não se reduz a isso. Há, sem dúvida, muita vida: buscas honestas, entregas generosas, ensaios de revitalização. Mas mesmo assim não podemos ocultar a

nossa perplexidade: o que nos dói é não saber como lidar com essa situação, como animar esses nossos irmãos e irmãs, como ajudá-los a viver com sentido, dando razão da nossa esperança. Não é questão de boas intenções. É um problema “estrutural”; não de “estruturas”, mas do que nos dá consistência, do que nos estrutura por dentro e, ao mesmo tempo, nos configura por fora. É como se faltasse a “coluna vertebral” da nossa vida, a que nos permite ficar em pé como “Vida Religiosa Apostólica”.

Situação histórica e pinceladas teológicas

Para compreender a situação atual da VRA, é indispensável ter uma perspectiva histórica, mesmo se a raiz do nosso mal-estar é existencial. É por não saber “quem somos” (identidade da VRA) que não temos clareza sobre nosso lugar na comunidade eclesial nem sobre a nossa função no mundo. A maior parte das nossas energias é consumida em administrar a nossa diminuição, o envelhecimento, o peso das nossas Instituições.

Mas a pergunta decisiva é outra: como dar razão de nossa esperança neste tempo de VR empobrecida (pobreza do ser!) e humilde/humilhada (do húmus frágil que nos constitui)? Somos capazes de escutar a palavra que nos dirige, hoje, o Senhor no silêncio da sua aparente ausência? Questão essencial, porque a nossa identidade só poderá brotar da *continuidade* entre essa palavra atual de Deus, as palavras outrora dirigidas aos “nossos pais” e as que, ao longo da nossa vida, Deus dirigiu aos nossos corações.

Pois é de identidade que se trata. Os leigos cristãos se reconheceram numa vocação bem definida pela eclesiologia do Concílio Vaticano II; a vida monástica, de modo geral, continua a apresentar hoje um rosto definido e uma proposta atraente para muitos jovens. Nós, porém, não somos monges nem podemos nos diluir na sociedade à maneira de um leigo cristão. Qual é nossa identidade como VRA?

Que se entende por “núcleo identitário”?

Essa é a situação que nos aflige. Encontrar-lhe uma resposta é refletir sobre o que a coordenação do seminário denominou “conversão ao núcleo identitário da VRA”. Como entender esse “núcleo identitário”? E que significa essa “conversão”?

De modo negativo, poderíamos dizer que a VRA não se pode entender a partir da vida monástica, nem é uma simples réplica da vida cristã leiga. Com a VRA eclode na Igreja um “estilo de vida” peculiar, que colhe sua inspiração em elementos comuns da tradição cristã, captados e articulados numa síntese única e original. A força de atração dessa síntese fez desse “estilo de vida” um caminho espiritual diferente que acabou sendo reconhecido como uma forma historicamente nova de Vida Religiosa: a VRA.

O recurso a Mc 3,13-14 pode nos ajudar a captar essa originalidade. Em duas frases Marcos formula uma experiência na qual se reconheceu a VRA, a ponto de encontrar nela a sua “inspiração original”: a) experiência do chamamento gratuito (“chamou os que ele quis”); b) a descoberta de que “estar com Jesus” é conviver com outros; Jesus cria comunidade (“e foram a ele; [...] para que ficassem com ele [...]”); c) e a missão como horizonte de vida: viver para ser enviado (“[...] para que os enviasse a anunciar a Boa Nova, [...]”).

Esses três aspectos expressam de maneira plástica e programática o que acima foi designado como “núcleo identitário” da VRA, isto é, o que a constitui e lhe dá identidade. “Apostólica” precisamente porque existe para “ser enviada”. O que não significa que ela possa apropriar-se de maneira exclusiva desse texto. E menos ainda a pretensão de encontrar nele o fundamento da sua existência como VR.

Trata-se apenas de um texto que ilumina e inspira uma maneira original de viver a fé cristã que não segue o caminho da “vida monástica” nem pode ser reduzido à “vida do leigo cristão”. “Estilo de vida”, portanto, no qual vem à tona uma nova vocação.

Pequena síntese da Vida Religiosa Apostólica

A VRA nasce como “memória viva” desse “pequeno Evangelho” que é a síntese do Evangelho inteiro. Não é por acaso que aqueles e aquelas que estão na origem dessas novas formas de vida foram *apaixonados pela pessoa de Jesus Cristo* (experiência de “ser chamados” e da relação pessoal com ele e com o Deus que nele se revela); essa adesão foi *configurando neles um “estilo próprio de vida”* que se tornou fonte de atração para outros; e assim, juntos ao redor de Jesus, entenderam sua *vida como entrega incondicional, vida dada*, “pelos outros”.

Experiência *única e totalizante* na qual nenhum dos aspectos pode sustentar-se sem a interação com os outros. Não há adesão a Jesus sem sentir-se enviado com outros, não há missão que se sustente sem estar enraizada na experiência do amor a Jesus e no serviço. É impossível “estar com outros” sem estar com Jesus para ser enviado. Esse conjunto é a “mística” da qual vive e sem a qual morre a VRA, seu “núcleo identitário”, a síntese da sua *identidade originária*, capaz de *dar vida* e de *unificar* as pessoas chamadas a seguir esse caminho e as diversas “expressões institucionais” nas quais tem de tomar corpo a experiência.

As vicissitudes da história

Mas essa “forma de vida” foi ameaçada desde a origem. E, aos poucos, reconduzida a caminhos já conhecidos. Assim, durante muito tempo a VRA foi enquadrada e teve de ser vivida dentro dos moldes da “vida monástica”. Essa “transposição” constituiu um ato de violência gritante contra a teologia e contra a experiência espiritual da VRA, e só podia justificar-se por uma ficção jurídica. Foi necessário esperar o Concílio Vaticano II, com o seu convite de “voltar às fontes”, para que a VRA pudesse tomar consciência dos efeitos devastadores dessa “transposição”: engessada nos moldes da “vida monástica”, a VRA não conseguiu reconstruir a sua identidade originária.

As vicissitudes desses cinquenta anos de “aggiornamento” pós-conciliar são a prova de que o alvo de todas as reformas não foi atingido. A busca do “núcleo identitário” do qual dependem o sentido, a razão de ser e o futuro da VRA não encontrou ainda uma resposta satisfatória. As mudanças e as reformas, por mais necessárias e importantes que tenham sido, se esgotaram em aspectos contingentes, nem sempre centrais, incapazes de levar-nos à reconstituição da identidade específica da VRA como tal, de maneira visível e significativa.

A realização deste seminário é a confirmação dessa busca inacabada. É significativa, nesse sentido, a composição desta assembleia. Uma boa parte dos aqui presentes entrou na VR antes do Concílio, tem a experiência do que é viver a VRA dentro dos moldes “monásticos”, fez a travessia conciliar, e se empenhou com entusiasmo nas transformações pós-conciliares da VR. A outra parte não conheceu a situação pré-conciliar, recebeu como herança o processo de renovação e, sob muitos aspectos, foi vítima de uma VRA feita em pedaços, fragmentada e desarticulada: órfã do marco tradicional e sem a alternativa de novos referenciais.

Tentativa de explicação

Essa situação pode ser explicada tanto do ponto de vista histórico como do ponto de vista cultural. Por um lado, a prolongada convivência da VRA com o “modelo monástico” contaminou a inspiração do seu “estilo de vida” e fez em pedaços a sua unidade original. Inserida em um contexto estranho, a VRA viu desintegrar-se a sua síntese vital; os fragmentos que restaram, quais blocos erráticos, adquiriram as novas significações que lhe oferecia o estilo monástico de vida.

Mas a linguagem não é inocente. Não é a mesma coisa, por exemplo, a mística única e totalizante da qual vivia na sua origem a VRA e o que temos por hábito chamar “vida espiritual”. Nem o horizonte do que designamos por “vida comunitária” e a maneira de vivê-la são capazes de

expressar o que há de novo na consciência de ser chamados e enviados com outros em missão. Que dizer da concepção da missão como modo de vida, como “ser para os outros” (ser enviados!)? Algo que não cabia dentro do esquema da paz e do recolhimento monástico. Por isso a missão foi reduzida a rápidas incursões no mundo – escaramuças apostólicas –, das quais se voltava com celeridade para o “refúgio do convento”.

O que podia ter sentido nos ritmos pautados da vida monástica era um golpe mortal para a VRA e para o seu original estilo de vida. Fora do seu horizonte natural, a VRA foi se acostumando com *a justaposição dessas dimensões*, sem perceber a mudança de sentido que tinham sofrido e que fora da sua síntese original não podiam unificar a vida. Foram tão profundas as marcas dessa fase monástica da VRA que hoje, cinquenta anos depois do Concílio, resulta-nos difícil pensar, expressar e viver a experiência de seguimento fora desse esquema tripartido de vida.

Recém-saída do longo letargo monástico, desejosa de responder ao convite de redescobrir as fontes, mas desprovida da sua base mística original, a VR pós-conciliar foi colhida no turbilhão de uma tempestade inesperada: a rápida *des*-construção do universo cultural, social e religioso tradicional (crise da Modernidade) e a irrupção do *tsunami* avassalador da Pós-Modernidade. Essa é uma das razões da perplexidade atual de muitos religiosos e religiosas. E, em certo sentido, do marasmo da VR em geral.

A modo de conclusão: “memória do futuro”

A passagem do “modelo tradicional” para o “novo modelo” que deveria brotar da “volta às fontes” ficou truncada em algum momento da travessia pós-conciliar. A “figura histórica” tradicional da VR se desfez sem que uma nova figura tivesse visto a luz. Não era difícil mudar as estruturas, muito mais delicada era a transformação das mentalidades. Valores, comportamentos, estilos de vida foram assimilados sem serem submetidos a um discernimento evangélico, o

que suscitava em muitos a sensação de uma VRA à deriva. Não havia, de fato, nem podia haver ainda, um modelo de referência alternativo, capaz de conferir unidade, coerência e visibilidade social ao processo de renovação e ao que dele ia surgindo.

Os cinquenta anos de pós-Concílio poderiam ser a ocasião de uma avaliação honesta e transparente do “aggiornamento” da VRA ao longo desses anos: das conquistas irreversíveis, das perdas irreparáveis e dos impasses inegáveis. É evidente que nem tudo o que aconteceu na VRA ao longo desses anos possui o mesmo valor e tem garantia de sobrevivência. Nem tudo o que foi assumido foi digerido e, menos ainda, processado evangelicamente. Por isso, o primeiro passo em direção ao futuro seria submeter a VR a um autêntico discernimento do acontecido e do vivido. A VRA padece, hoje, de muitas dessas incoerências e contradições mal resolvidas. Não poderia ser essa uma maneira concreta de assumir a nossa responsabilidade em face do futuro?

A nossa tarefa poderia ser resumida em algumas perguntas básicas. As quatro primeiras pretendem suscitar em nós um olhar mais positivo sobre a situação atual, mais espiritual e sapiencial, menos pessimista, mais confiante. A partir desse olhar novo, as perguntas que seguem visam a ajudar-nos a descobrir com paixão a riqueza própria da forma de vida que é a VRA. O conjunto é a maneira de fazer-nos compreender que todos são responsáveis por animar e tornar possível o processo.

Perguntas para curar o nosso olhar

- a) Somos capazes de aceitar que a “pobreza do ser” a que está reduzida, sob muitos aspectos, a VRA pode ser uma palavra que Deus nos dirige, hoje, que pode ter um sentido e ser fecunda?
- b) Podemos conceber e acolher em paz que a situação “humilhada” da VRA, hoje, pode nos aproximar do Evangelho e de Jesus mais que o triunfalismo histórico da VRA no passado? E que a diminuição quantitativa pode

ser o caminho para crescer em qualidade e para uma maior vitalidade espiritual?

- c) Estamos convencidos de que o principal problema da VRA é mais um problema “de espírito” que de administração e de planejamento calculados?
- d) Aceitamos sinceramente, de coração, que se trate com mais cuidado a qualidade da nossa forma de vida que a salvaguarda das nossas instituições?

Perguntas para re-encantar-se com a Vida Religiosa Apostólica

- a) É possível resgatar, ainda, a paixão e o entusiasmo pelo que há de novo e original na proposta de vida que emerge na VRA?
- b) Temos consciência de que, no modo de viver a VRA, persiste, ainda, uma desarticulação da vida e da missão que contradiz a experiência original e fundante da VRA?
- c) Como recuperar essa tradição? E como fazer a experiência que nos permita apropriar-nos do “núcleo identitário” e, assim, nos devolva a identidade e a unidade de vida?
- d) Como transmitir essa tradição às novas gerações? Como repensar o conjunto da formação de modo que seja uma iniciação mistagógica: introdução a uma experiência e não apenas transmissão de conhecimentos?

Está em nossas mãos a reconstituição da identidade da VRA e a possibilidade de traduzi-la num “modelo novo”. A tradição só é viva quando nos faz viver. Esse “milagre” só poderá acontecer como construção comum entre as diversas gerações, cada uma contribuindo com o que pode trazer de vida, como no milagre dos pães. Ele requer, entre outras coisas, Superiores imbuídos dessa mística, capazes de animar as pessoas e a missão; homens e mulheres dispostos a “começar de novo”, com o mesmo entusiasmo e paixão, livres para reconstituir esse tecido; pessoas e comunidades

decididas a fazer essa “conversão” ao núcleo essencial da identidade.

A responsabilidade por esse processo não pode ser entregue unicamente ao Superior: é um modo de ser e de governar pelo qual todos – em níveis diferentes – são responsáveis. Trabalho difícil, mas não impossível. Ele exigirá de todos:

- a) vontade decidida de encontrar-se (“estar juntos”, com Jesus);
- b) capacidade de fazer dialogar “o que recebemos”, “o que nos foi dado” (tradição como “memória viva” que faz viver) e sensibilidade do futuro (a abertura ao diferente, à promessa e à riqueza que trazem as novas gerações);
- c) e responsabilidade de fazer dessa construção comum um ato de entrega e de serviço aos outros (ser enviados).

Esse é o único “testemunho” que pode ser compreendido por qualquer pessoa e capaz de suscitar em outros a pergunta definitiva, relacionada com as vocações, que tanto nos preocupa: “Quem és tu, que fazes tais coisas e vives dessa maneira?”.

É a “missão como modo de ser” ou a “vida como missão”. Pergunta admirada que recolhe de outra forma o desafio provocador do “Vinde e vede!” de Jesus, como resposta à curiosidade suscitada nos discípulos (Jo 1,39): “morar”, “ser”, “ser enviado” expressam o “núcleo identitário de Jesus” e constituem o objeto único do “ver” dos discípulos: foram, viram e ficaram com ele!

A vivência hoje do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada

ANNETTE HAVENNE, ISM*

1. Introdução

Ao iniciar esta reflexão em torno daquele que foi o tema central da minha palestra no Seminário de Vida Religiosa (VR) em fevereiro de 2012, em Itaici-SP, palestra que recebeu o título de “A vivência hoje do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada (VRC)”, sinto a necessidade de pedir a graça de um “coração pensante, enamorado e atuante”, pois se trata agora de trazer a reflexão para a *vivência* e o *hoje*... É neste ponto do percurso que muitas vezes entra a dicotomia e que nós nos dispersamos, perdemos o rumo, abandonamos o lugar do coração, não conseguimos dar vida às ideias luminosas!

É obvio que não tenho receitas de como pôr em prática a curto ou médio prazo as linhas de força que emergem da reflexão anterior,¹ mesmo se houve na preparação deste seminário um momento muito precioso de diálogo entre mim e o Padre Palácio. Mas quero assinalar os pontos que me parecem decisivos para que a conversão ou volta ao núcleo identitário da VRC se concretize pessoal e comunitariamente no tempo que chamamos *hoje*.

Esse hoje constitui sem dúvida nosso ponto de partida: *O que nosso olhar abarca ou quer abarcar quando dizemos “hoje”?*

Não se trata de um marco meramente cronológico, histórico ou situacional... embora esses marcos constituam, como vimos ontem [no seminário], o pano de fundo da reflexão. Proponho considerar este hoje pingando nos nossos olhos – como gosta de dizer Carlos Mesters – o colírio de fé.

* **Irmã Annette Havenne** é Religiosa da Congregação das Irmãs de Santa Maria, teóloga e assessora de movimentos eclesiais populares.

1. PALÁCIO, Carlos. “Conversão ao núcleo identitário da VR”. Palestra anterior.

Então o “hoje” se torna *kairós*, tempo de Deus, tempo que nos é dado para nos converter, conviver, evangelizar. Olhemos o hoje como o apresenta Lucas no seu Evangelho:

- Um tempo de graça por causa da encarnação: “[...] hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós o Salvador, que é o Cristo Senhor” (2,11).
- Um tempo de graça por causa da conversão: “Hoje devo jantar na tua casa” (cf. 19,5).
- Um tempo de graça por causa da redenção que vem da cruz: “[...] hoje estarás comigo no Paraíso!” (23,43).

Um hoje que já é uma loucura, pois somos convidadas(os) a curti-lo na companhia de vaqueiros marginalizados, um fiscal corrupto e um criminoso condenado à morte! Convide a descobrir a hora de Deus nos porões da humanidade!

Para dar continuidade ao diálogo entre nós, gostaria de partilhar e de cavar *duas convicções* pacientemente tecidas a partir da releitura da minha experiência e da escuta das experiências de muitos religiosas e religiosos, principalmente no Brasil, ao longo dos últimos trinta anos, desde a formação inicial até a formação permanente. Será, portanto uma espiritualidade ou mística que vem de baixo... e se deixa iluminar e discernir pela Palavra.

Primeira con ic o

A VRC é uma loucura e faz loucuras porque nasce de uma paixão, paixão por Jesus e pelos valores do Reino. Esta paixão é resposta a outra paixão bem maior, à inexplicável paixão de Deus pela humanidade: *MANIKON EROS*, como já diziam os Padres da Igreja – um Deus apaixonado.

Se olharmos agora o núcleo identitário da VRC na perspectiva de um itinerário vocacional, vamos constatar o seguinte: não basta um ideal religioso, social ou humanitário como motivação para a VRC. Somente o encanto inicial, mas também o *re-encanto* consciente por Jesus Cristo e a proposta do discipulado conseguem mantê-la apostólica, jovial e significativa!

474

Muitas vezes nós nos deparamos com uma VRC cansada, envelhecida e insignificante, sem vibração (a não ser do celular!), e isso não é apenas uma questão de faixa etária e sim de perda de identidade, de afastamento do núcleo identitário, do caminho do discipulado!

Muitas vezes, felizmente, nós nos deparamos também com uma(um) religiosa(o), anciã(ao) serena(o), feliz, transparecendo a simplicidade de quem encontrou sua identidade e sua razão de ser, fazer, amar. Essas, esses nos contagiam! E com elas, eles, chegamos à

Seg nda con ic o q e decorre da primeira

Uma paixão autêntica é comunicativa, contagiante! (É coincidência o sobrinho de Ayrton Senna seguir a carreira do tio?) Viver hoje o núcleo identitário da VRC significa pensar com muito carinho como estamos nos ajudando mutuamente a alimentar esta paixão e como estamos passando, transmitindo esta paixão que não é nossa, mas passa por nós, para as novas gerações de consagradas e consagrados.

Parece-me que toda a vivência, o hoje e o futuro da VRC – pois o futuro nos interessa e nos angustia ao mesmo tempo – cabem nesta simples pergunta, que vai, a partir de agora, nortear nossa reflexão:

*Como viver a Vida Religiosa Apostólica
com paixão e contagiar com
esta paixão as novas gerações?*

Ou seja: como fazer o hoje da Vida Religiosa Consagrada acontecer na formação não apenas inicial, mas permanente?

2. Viver com paixão

Penso que percebemos, agora de modo mais claro, o tripé que sustenta a VR Apostólica: mística, comunidade, missão.²

É claro que não podemos nos arrogar a exclusividade desses três elementos que na realidade são constitutivos do

2. PALÁCIO,
“Conversão ao
núcleo identitário
da VR”.

caminho do discipulado no Evangelho. Se quisermos descer mais fundo, esses três elementos nos referem à base antropológica da proposta: Ser, Ser-com, Ser-para.

O que nos caracteriza, o que faz nossa identidade de religiosas, religiosos, é como nós “misturamos os ingredientes do bolo”. *Como queremos ser comunidades de irmãs e irmãos em vista da missão e partilhar entre nós a experiência do rosto de Deus que se revela nesta missão.* E aqui entra também na receita a pitada de originalidade que vem do carisma próprio.

Somente a paixão dá o vigor necessário para integrar as três dimensões, para deixar que cada uma interaja com a outra:

- Sem *mística* a VRC fica anêmica, apenas mantém uma capela e práticas piedosas, quando as mantém!
- Sem *comunidade de vida* ela se descaracteriza, perde boa parte da sua visibilidade, da sua razão de ser.
- Sem *missão* ela se fecha diante do novo... e cada uma, cada um se vira como pode, lançando mão do individualismo, da profissão e das competências, com o risco de se perder no ativismo e o perigo tão comum hoje em dia do *burnout*!

Gostaria de pontuar esses três elementos como os percebo hoje na caminhada da VR Apostólica no Brasil, com um aceno para o continente latino-americano.

Se olharmos a caminhada da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), a sintonia, mas também o protagonismo dela em relação à Confederación Latinoamericana y Caribeña de Religiosos y Religiosas (CLAR), suas prioridades ao longo dos mais de cinquenta anos de existência, nós vamos perceber que muito foi feito no sentido de voltar à fonte, de acordar, de reavivar *a mística* da Vida Religiosa. Aqui vale considerar o empenho com a escuta da Palavra, a leitura orante encarnada no chão da vida... a coleção “Tua palavra é vida”. Como também lembrar o incansável esforço de formação das novas gerações nessa dimensão. Um esforço que dá muitos frutos!

O carinho com a Vida Religiosa Inserida, a convivência e solidariedade com os crucificados deste mundo também foram e continuam sendo uma realidade. Podemos citar aqui o empenho com a *dimensão missionária*, as comunidades intercongregacionais da Amazônia, do Timor Leste e do Haiti, a reflexão sobre profetismo, comunidades itinerantes, novos areópagos da missão.

Parece-me que a dimensão da valorização *da comunidade de vida* é, no momento, o ponto mais delicado! A maioria das crises que ocorrem no itinerário das pessoas consagradas, pessoas que têm vocações autênticas, verdadeira experiência de Deus e gosto pela missão, vêm das frustrações e dos conflitos na comunidade de vida, que neste caso torna-se comunidade geradora de doenças tanto físicas como psíquicas e espirituais. Uma comunidade que não humaniza!

É bem verdade que a estrutura monástica não combina com nossa vocação para uma missão “ad extra”. Depois de tanto tempo presa naquela estrutura, a VR Apostólica ficou engessada, um tanto atrofiada nos seus movimentos, mesmo depois de retirar o gesso! Mas será que hoje ela não se apres- sa demais, como dizem os franceses, a “jogar o nenê com a água do banho?”.

Há comunidades religiosas que mais se parecem central de atendimento ao cliente do que lar, oficina e célula do corpo total, segundo os modelos sociológicos propostos por Cabarrus.³

Há outras que funcionam como a torre de controle de um aeroporto, onde somente se pode falar o necessário para não provocar catástrofes e onde só se acompanha aviões aterrissando e decolando!

Não se trata aqui de horários, de “vida de comunidade”, e sim de questões mais profundas, como atitudes de confiança umas nas outras, uns nos outros, atitudes e práticas de partilha afetiva, efetiva e espiritual... Que qualidade têm os momentos que passamos juntas, juntos? Que qualidade têm nossos momentos de oração comunitária, de partilha, de lazer?

3. CABARRUS,
Carlos R. *Seduzidos
pelo Deus dos pobres*.
São Paulo: Loyola,
1999.

Uma pesquisa muito interessante de um casal norte-americano⁴ descreve as *comunidades de fé* como comunidades originais que não se enquadram nem nas comunidades primárias, como a família, nem nas comunidades secundárias, como empresas, clubes, sindicatos ou partidos políticos. Nestas últimas as pessoas se reúnem por causa de um objetivo ou interesse comum, mas não têm relações de proximidade. As comunidades de fé – e a comunidade de VRC é uma delas – têm relações de proximidade como os grupos primários e um projeto comum como os grupos secundários. Estamos juntas, juntos para viver nossa fé e transmiti-la!

Quando nós não conseguimos fazer essa experiência “em casa”, em nossa comunidade, então a decepção é tão grande que somos tentadas(os) a fugir: nas redes sociais, compensando com conexões a falta de relações humanas gratificantes; ou encolhemos num intimismo estéril; ou, ainda, mergulhamos de cabeça no sucesso da atividade apostólica, tornando-nos viciados em trabalho, “workaholics”, etern@ stressados!

E uma das consequências mais graves dessa situação é que o nosso celibato consagrado perde seu significado com todos os riscos de desvios afetivos que isso supõe.

A missão, por sua vez, padece da situação, ficamos na Congregação, mas saímos da “firma” para nos tornarmos “autônomas(os)”, impelidas(os) pelas leis do marketing, da competição, a busca da imagem, do sucesso. Ter sucesso é uma triste compensação ao fato de não dar frutos! Que paixão temos, então, a transmitir?

3. Transmitir uma paixão...

Falamos até agora de viver o núcleo identitário da VRC, especialmente apostólica. Vamos refletir agora sobre sua transmissão!

Permitam-me começar com uma anedota. Ela data do meu tempo estudantil, isto é, quarenta anos atrás, porém não perdeu nada da sua pertinência! Jacques Loew, fundador

4. WHITEHEAD, Evelyn & James. *Comunidades de fé*. São Paulo: Loyola.

da “Missão Operária São Pedro e São Paulo”, estava dando uma palestra sobre a VRC pós-conciliar e alguém na assembleia dirigiu-lhe esta pergunta: “Como despertar, nos jovens de hoje(!) a sede de Deus e das coisas de Deus?”. Com um sorriso malicioso, ele respondeu: “Como convencer um jegue teimoso, que não sente sede, a beber? Não adianta adular, explicar, forçar, bater... O jeito é colocar ao lado dele outro jegue, convencido de que beber é gostoso, deliciando-se com um enorme balde de água gelada e sorvendo-a sem moderação!” (versão tropical, brasileira e nordestina!)5.5(a)-4.5(!)marer a.4(o)5.6(r)- -23.222ri29(e d)-2., a ber

Hoje sentimos um mal-estar no ato de transmitir. Isso repercute na educação, na formação, no ensino da Igreja. Fala-se de interrupção do processo de transmissão de valores! Contudo, sem transmissão de valores não há humanização nem cultura, nem enriquecimento mútuo, nem comunidade de fé!

É possível transmitir sem dominar, sem impor, sem ferir a liberdade do outro? Há um jeito de transmitir que não faz a cabeça do outro, que é percurso e não curso, que propõe um itinerário apaixonante de formação ao discipulado?

Vejam como a psicologia social pode nos ajudar. Lanço mão aqui de uma palestra proferida pelo professor Geraldo Paiva, no Congresso de Psicologia da CRB em outubro de 2011.⁶ Trata-se do conceito de aculturação e de transmissão de valores por ocasião da *migração de grupos humanos*, inspirado nos estudos de John W. Berry⁷ (ver Anexo).

Os dois grupos em contato

- Grupo receptor, grupo migrante.

Os dois eixos da aculturação

1. Abertura e interação, busca de relacionamentos.
2. Apreço, manutenção dos valores do grupo.

As quatro modalidades de aculturação

- *Integração*: Existe abertura recíproca e valores compartilhados. É a melhor e a mais exigente das modalidades! O novo grupo é revitalizado e avança para o futuro.
- *Assimilação*: O grupo receptor impõe valores, o grupo migrante as assimila e perde sua originalidade. O grupo como um todo estagna.
- *Separação*: Os valores não são vistos como tão importantes, mas os grupos são abertos. Coabitam, na melhor das hipóteses, no respeito mútuo, mas sem compartilhar. Há perda de identidade e de rumo.
- *Marginalização*: O processo é de exclusão e enfraquecimento dos valores em ambos os grupos.

6. PAIVA, Geraldo J. de. "Transmissão da cultura religiosa e encaminhamento de conflitos".

7. BERRY, John W. Migração, aculturação e adaptação. In: DEBIAGGI, Sylvania Dantas; PAIVA, Geraldo José de. *Psicologia, e/ imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 29-45.

As atitudes que sustentam a integração de valores entre dois grupos (++)

- Amar sua própria origem, sua própria raiz, sua identidade.
- Gostar de receber, de ter recebido no passado, de continuar a receber.
- Passar o que a gente recebeu pelo crivo do discernimento, sem medo de rupturas necessárias.
- Abrir-se para mudanças, com critérios!
- Viver e testemunhar os valores que queremos transmitir.
- Ter muita paciência consigo mesma(o), com as(os) outras(os)!
- Saber unir o novo e o velho.
- Saber perder!
- Acreditar que transmitir é muito mais do que comunicar, é um ato de amor, de criação!
- Pastoral de gestação.

Pa lo, m ran mi or genial

Poderíamos tomar como exemplo de paixão e transmissão da paixão fundante por Jesus a pessoa do apóstolo Paulo, confrontado com três culturas: a judaica, a grega e a romana!

Paulo, numa sábia loucura, aprendendo por tentativas e erros, soube abrir um caminho novo neste mundo complexo, e ficou tão empolgado pela novidade do “acontecimento Jesus” e pelos valores do Reino que deu impulso à identidade cristã! Soube libertar-se do jugo das tradições judaicas, confrontar a inteligência e a sabedoria acadêmica do mundo grego, questionar as leis e a jurisdição romana.⁸ Quando sonhamos uma Vida Religiosa mais próxima do Evangelho, podemos nos inspirar na leveza institucional da comunidade de Antioquia, aberta, carismática, missionária, em contraste com a rigidez de Jerusalém, a altivez de Atenas e o rigorismo jurídico de Roma!⁹

8. PAIVA, “Transmissão da cultura religiosa e encaminhamento de conflitos”.

9. BERRY, Migração, aculturação e adaptação.

“De fato, eu recebi do Senhor o que também vos transmiti: [...]”
(1Cor 11,23)

“Com efeito, vós todos sois filhos de Deus pela fé no Cristo Jesus.
[...] Não há mais judeu ou grego, escravo ou livre,
homem ou mulher, [...]”
(Gl 3,26-28)

O exemplo de Paulo nos estimula a ir além de considerações sociológicas ou psicológicas quando pensamos no processo de transmissão dos valores da VRC. Trata-se de entrar juntas(os) num discipulado de iguais, num processo de formação permanente.

Então a comunidade não será meramente terapêutica nem a missão mera realização pessoal, mas iremos aprender juntos(as), nas nossas Congregações e na CRB, a cuidar com muito carinho da gestação de novas formas de viver a VRC com leveza, com simplicidade, com alegria! Isso já desponta, nem que seja nos desejos profundos dos mais jovens ou mais joviais entre nós, vocês não o estão vendo?

Por isso me arrisco a concluir com uma antiga parábola relida pelo avesso, para confundir alegremente sábios e insensatos, prudentes e cabeças de vento!

4. Re-contando uma parábola antiga pelo avesso

Era uma vez... um convento, bem, diziam que era um convento, na realidade era uma casa de inserção na periferia, ou pelo menos tinha sido, na década de 1980. Agora não se sabia bem o que era, quem vivia lá e por que e para quê. No suposto convento, coabitavam, entre mil e um choques de horários, cinco freiras. Quatro eram já meio coroas (estatística da VRC exige!), a última bem jovem – e por sinal bonita demais para ser freira! As quatro primeiras eram sensatas, sábias, prudentes, precavidas, a jovem era um pouco cabeça de vento.

Um dia chegou a notícia que haveria, na praça de eventos da cidade, um show de um padre da mídia: “Meia-noite com Jesus!”. As cinco decidiram participar, fizeram seus preparativos e saíram bem cedo para pegar os primeiros lugares. Mas o padre cantor reclamou do hotel, reclamou das acomodações, reclamou do serviço de som, da segurança... e o show atrasou! Atrasou tanto que as cinco cochilaram, também... trabalhavam demais, as coitadas!

À meia-noite faltou energia e um boato começou a correr: “Jesus está chegando, o cantor não, ele mesmo em pessoa!”. As quatro sábias entraram em pânico, não se sabe muito bem por que, ligaram para um táxi e foram embora, esquecendo-se da mais nova!

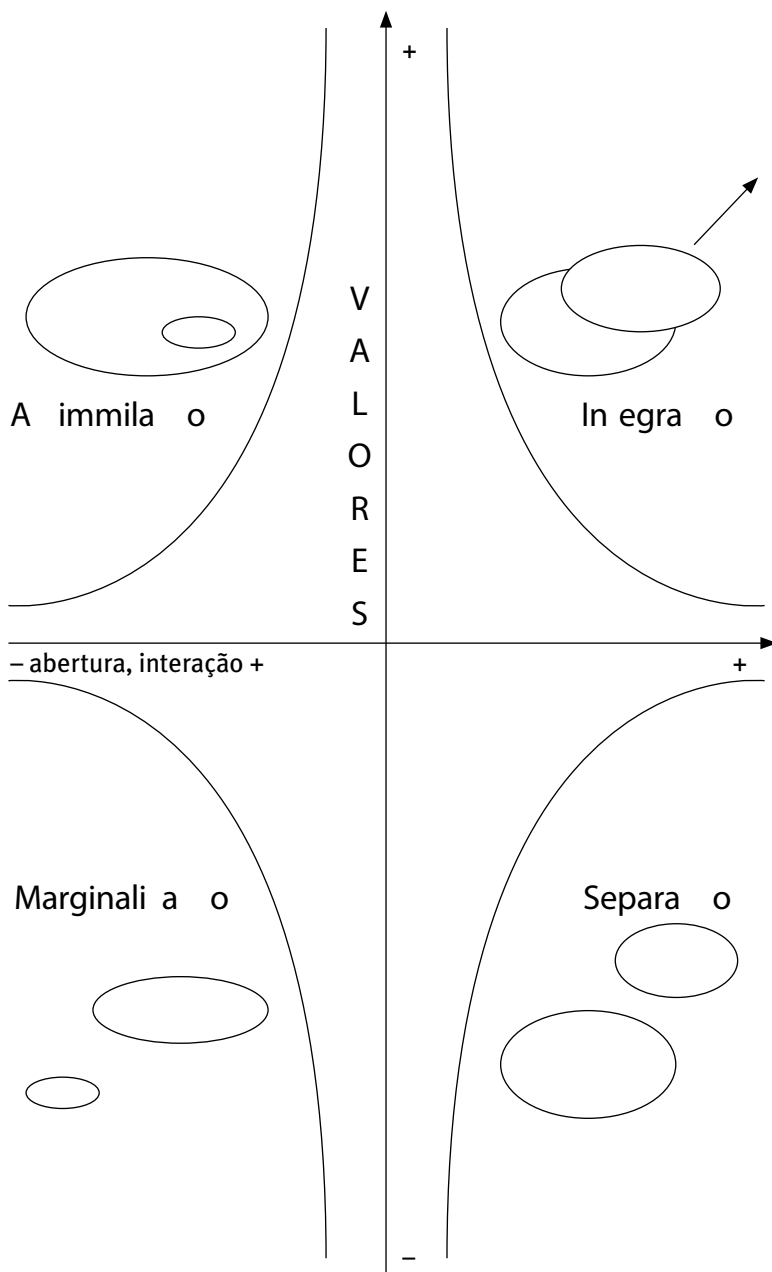
A jovem tirou do bolso um toco de vela, que tinha guardado da vigília da Páscoa, e na magia daquela noite um menino de rua aproximou-se dela com uma caixa de fósforos. Suas mãos se uniram, protegendo a chama vacilante, a jovem e o menino olharam um para o outro e perceberam na cumplicidade dos seus corações irmanados que Jesus estava, sim, presente naquela praça e que a esperança ainda não tinha deserdado a humanidade.

E a jovem, que não era tão cabeça de vento quanto vocês pensam, pela primeira vez sentiu nascer nela a maturidade da mulher consagrada no meio do seu povo. E ficou grata pela sua vocação! E nem ficou com raiva por ter sido esquecida, mas achou graça de ver mulheres tão sábias perderem a cabeça por tão pouco!

Que fim você daria a essa parábola?

Qual das cinco, em sua opinião, mostrou a *sábia loucura* das discípulas de Jesus?

Teoria da aculturação de John Berry



CONVERGENCIA

Vida Consagrada e missão

Preparando o Congresso Americano Missionário (CAM 4) e o Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA 9)

IRMÃO NERY, FSC*

Por solicitação da Irmã Márian Ambrósio, dp, presidente da CRB Nacional, participei da preparação ao Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA 9), que ao mesmo tempo é Congresso Americano Missionário (CAM 4). Ambos os magnos eventos acontecerão em novembro de 2013 na cidade de Maracaibo, Venezuela. Já estive em dois simpósios internacionais missiológicos preparatórios (o primeiro em janeiro de 2011, em Caracas, e o segundo em janeiro de 2012, no Panamá).

Anteriormente, participei do COMLA 5, em Belo Horizonte-MG, em julho de 1995, e do COMLA 6, em outubro de 1999, na cidade de Paraná, Argentina. E quando provincial estive, com o Irmão Marcos Corbelini, fsc, na criação da Missão La Salle Brasil *Ad Gentes*, em Moçambique, em começos da década de 1990.

Visando informar e também envolver-nos, como Religiosas(os), no projeto CAM 4 – COMLA 9 e na preparação que inclui o Terceiro Congresso Missionário Nacional (3o CMN) é que, a seguir, passo alguns dados.

1. A missão é essencial ao cristão e à Igreja

1.1 O cri o e a mi o

Cada cristão, por graça e força do Sacramento do Batismo, é discípulo missionário de Jesus Cristo, consagrado pela Santíssima Trindade – Pai e Filho e Espírito Santo –, para a glória deste mesmo Deus-Amor, a mais perfeita comunidade

* Israel José

Nery é Religioso do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Lasallistas), formado em Filosofia e Teologia pela Universidade Lateranense, Roma, com concentração em Catequética, autor de sessenta e quatro livros e mais de mil artigos. Atualmente, é provincial auxiliar da Província La Salle Brasil-Chile. **Endereço do autor:** Ejercito 238 Casilla 436 – Correo 3 C.P. 8370056 Santiago – Chile. E-mail: nery.israel@lasalle.org.br.

de doação, e para a cooperação com ele na realização de seu Plano Salvífico neste mundo.

Mas, na verdade, ser discípulo missionário requer mais que o sacramento fontal que abre a pessoa para a dinâmica da vida cristã. Junto com o Batismo e os demais sacramentos da iniciação cristã (Confirmação e Eucaristia), a união entre testemunho pessoal de vida, a participação na comunidade eclesial e no compromisso de anunciar Jesus Cristo e sua proposta de salvação conformam a estrutura do discípulo missionário. Isso exige, em si, um ato pessoal, um encontro pessoal e intransferível, consciente, esclarecido, coerente e generoso, com Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida.

Trata-se, sem dúvida, de um dom da liberdade e da misericórdia do Senhor, mas que requer participação livre e generosa de cada agraciado. Como somos inacabados, históricos, frágeis e pecadores, a nossa cooperação com a graça exige da nossa parte ascese contínua, cultivo, alimentação, investimento, vida de oração, meditação assídua da Palavra de Deus, frequência aos sacramentos, devoção, estudo, confronto do que somos com o que Deus quer que sejamos, e do que fazemos com o que Deus quer que façamos, isto é, que busquemos em tudo fazer a sua Santa Vontade.

Por natureza, o discípulo missionário de Jesus Cristo vive em função de Deus (*Amar a Deus sobre todas as coisas*), em função da felicidade de todas as pessoas (*Amar o próximo como Jesus nos amou*), em comunidade fraterna com as(os) demais discípulas(os) do Senhor (*Ekklesia-Igreja, a assembleia das pequenas comunidades para ouvir o Senhor, cultuá-lo, alimentar-se dele e receber do Senhor a missão a ser realizada*) e a serviço do Reino de Deus neste mundo (*cooperar na construção de um mundo justo, solidário, de paz*), atendendo de modo preferencial os pobres e necessitados (*Eu estava com fome, sede, no cárcere, sem roupa, sem onde ficar, e vocês cuidaram de mim*).

Falhas graves em nossa Igreja quanto à evangelização, à catequese, à liturgia e à pastoral, porém, não têm possibilitado à maioria dos batizados, quando crianças, chegar à maturidade da fé ao longo da vida. O investimento

na sacramentalização não tem o correspondente quanto à evangelização. A ação ontológica por meio dos sacramentos, pelos quais os batizados são iniciados espiritualmente na comunhão divina, não foi apoiada e alimentada pela iniciação evangelizadora e catequética, litúrgica e pastoral, pela qual o fiel, à medida que cresce e se desenvolve como pessoa, é estimulada a dar a sua adesão pessoal e intransferível ao Senhor, à Igreja e à missão. Resulta dessa falha missionária da Igreja que a maioria dos católicos é formada por pessoas não convertidas, ignorantes de sua fé, sem convicções cristãs sólidas e voltadas para um certo devocionismo que não conduz a Jesus Cristo e não compromete.

Já em 1983 a CNBB, no número 130 de seu Documento 26, *Catequese renovada*, denunciava que a fé dos adultos católicos era intimista, individualista e alienada. E diante do contexto da civilização em mudança, com um pluralismo crescente, também quanto à opção religiosa, este é, sem dúvida, um dos motivos por que tantos batizados católicos se encontram inseguros e disponíveis para qualquer oferta religiosa e formam parte da estatística do trânsito religioso do Catolicismo para outras Igrejas cristãs e outras religiões, ou organizam para si um tipo de Catolicismo sem vinculação com a Igreja, ou mesmo optam pela indiferença religiosa.

Portanto, fica muito difícil falar em “missão”, em compromisso missionário, em generosidade missionária *ad gentes* para a maioria dos católicos brasileiros que estão nessa situação de Catolicismo não vinculante, já que eles mesmos são, na verdade, sujeitos do trabalho missionário dos que, depois de batizados, tiveram, por um privilégio especial, um encontro pessoal com Jesus Cristo e um processo real de conversão, engajamento na comunidade eclesial e compromisso com a missão. É preciso, de uma vez por todas, assumirmos, como Igreja, o fato incontestável de que o Brasil, apesar de ser considerado – pela quantidade numérica de batizados –, o maior país católico do mundo, é um país de missão, e que ele só se abrirá generosamente para a missão além-fronteiras se houver, primeiramente aqui mesmo, um forte investimento na conversão dos próprios católicos.

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida, 2007, constatou tal realidade para todo o continente, e a CNBB para o caso do Brasil. Um dos focos da Missão Continental, originada a partir de Aparecida, é exatamente o de possibilitar a todos os católicos a oportunidade de reforçar ou fazer seu encontro pessoal com Jesus Cristo vivo e viver a experiência da conversão que, de per si, conduz ao engajamento pessoal com Deus, com a comunidade e com a missão. Se isso acontecer, a própria Igreja sairá reforçada como comunidade de convertidos, portanto ela mesma discípula e missionária.

1.2. Igreja e missão

A Igreja – assembleia dos convocados pelo Senhor Jesus e, por ele, consagrados e missionados – é, por sua própria natureza, missionária, isto é, enviada para evangelizar a todas as nações. O mandato missionário, que pode ser interpretado como um envio de cada pessoa, é, sobretudo, um envio dos discípulos-missionários, como coletividade. Jesus se dirigiu aos apóstolos e discípulos e lhes disse: “[...] Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa-Nova a toda criatura!” (Mc 16,15); “[...] Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, [...]” (Mt 28,18-19). O corpo eclesial, formado por discípulos missionários, fraternizados pelo seguimento de Jesus Cristo, só é autêntico se for missionário, se colocar-se como *Ekklesia* a serviço do Reino de Deus, imitando o Senhor, que veio para servir e não para ser servido.

Esse mandato missionário foi retomado, muitas vezes, ao longo da história da Igreja. Houve fundadores de Congregações Religiosas, masculinas e femininas, que colocaram a missão como um dado distintivo da sua iniciativa. E, ultimamente, esse mandato foi assumido, com especial força no século XX, pelas instâncias mais altas da Igreja. Estamos falando do Concílio e do Magistério Pontifício. De fato, a missão teve destaque no Concílio Vaticano II (1962-1965), em vários de seus documentos, sobretudo no decreto *Ad Gentes* (1962).

Dez anos depois, ela recebeu um especial impulso no Sínodo sobre Evangelização (1974), particularmente, em 1975, na exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi* (*A evangelização no mundo contemporâneo*), do Papa Paulo VI. Por sua vez, João Paulo II tratou, com amplitude e profundidade, vinte e cinco anos depois da publicação do decreto conciliar *Ad Gentes*, este tão fundamental tema na vida da Igreja na encíclica *Redemptoris Missio*, de julho de 1990. E, para o ano de 2013, o Sínodo de outubro terá por tema a “Nova evangelização para a transmissão da fé cristã”, portanto dará um novo impulso à compreensão da missão na civilização em mudança em que estamos inseridos como discípulos missionários e, sobretudo, ao como realizar na prática essa nova evangelização requerida pelas condições do mundo de hoje.

Para viabilizar a Nova Evangelização, o Papa Bento XVI convocou a Igreja toda, por meio do *motu proprio Porta Fidei*, para o Ano da Fé, de outubro de 2012 a novembro de 2013. Sem trabalhar em profundidade a conversão pessoal e comunitária dos fiéis esvazia-se qualquer chamado para uma Nova Evangelização com o objetivo de anunciar de modo adequado a Boa-Nova, transmitir a fé cristã no mundo contemporâneo.

1.3. A mi io ad gen e ☒

“Anunciar a Boa-Nova para toda a humanidade” e “fazer com que todos os povos sejam discípulos de Jesus” implica um êxodo, isto é, sair de si, do lugar próximo onde estou, onde estamos, e que já tem discípulos missionários de Jesus Cristo, para ir ao encontro do outro, dos outros, mesmo que para isso se requeira ir além-fronteiras e a novos areópagos aonde o Evangelho ainda não chegou ou não chegou suficientemente. A expressão clássica latina em nossa Igreja é “ad gentes”, isto é, “ir aos povos” ainda não evangelizados, especialmente os mais pobres, necessitados de sinais e sacramentos vivos do amor misericordioso e providente do Deus de Jesus Cristo, o Deus-Amor, que devem ser os discípulos missionários de Jesus Cristo.

Em outubro de 2012 celebraremos os cinquenta anos do início do Concílio Vaticano II (1962-1965). E também celebraremos o jubileu de ouro do decreto conciliar *Ad Gentes*, que significou um impulso significativo à “missão ad gentes” (missão além-fronteiras). É recomendável, portanto, neste ano do seu cinquentenário, leitura atenta, meditação e, especialmente, colocação em prática de suas orientações. Há um especial estímulo para todos nós: o Ano da Fé, proposto também para favorecer a revitalização dos católicos e de toda a Igreja, o que implica, de per si, revitalização da missão.

É neste sentido que a Igreja no Brasil celebrará, em Palmas-TO, seu Terceiro Congresso Missionário Nacional, de 11 a 15 de julho de 2012, e reforçará, assim, sua sintonia com toda esta caminhada da Igreja, na qual está incluída a celebração do CAM 4 e do COMLA 9, de 26 de novembro a 1o de dezembro de 2013, na cidade de Maracaibo, Venezuela.

2. Um pouco da história dos COMLAs e dos CAMs

2.1. A inicia i a do Me ico

Para levar aos fiéis o sentido missionário *ad gentes* e envolvê-los, o México, já em 1938, sob liderança de três leigos, tomou a iniciativa de comprometer os mexicanos católicos com a missão em outros países. No Primeiro Congresso Missionário Mexicano, em 1942, os sonhos e conversações desses leigos, com padres e bispos, amadureceram no sentido de fundar um seminário para a formação específica de padres mexicanos para a missão *ad gentes*.

E então, na “Quinta Álamos”, em Tlalpan, México, a partir de 7 de outubro de 1942 e sob o amparo de Nossa Senhora de Guadalupe, foi construído o tão sonhado seminário. Era plantada, assim, a semente do que viria a ser, em breve, o Instituto dos Missionários de Guadalupe para as missões estrangeiras.

Dali em diante firmou-se o propósito de um amplo trabalho para o envolvimento dos fiéis na missão fora do México, denominada, na época, “missão estrangeira”. Uma das iniciativas exitosas foi a celebração periódica de um Congresso Nacional, dentro de um processo com longa preparação, grande momento celebrativo culminante e atividades consequentes.

Foi por ocasião da preparação do Sétimo Congresso Missionário Mexicano que o brasileiro Cardeal Agnelo Rossi, que vivia em Roma como Prefeito da Congregação ou Dicastério para a Propagação da Fé (*Propaganda Fidei*), recebeu o convite para participar do mesmo. Com receio de que os convites pudessem se multiplicar pela América Latina, ele sugeriu que os organizadores transformassem o referido Sétimo Congresso no Primeiro Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA 1), com a participação de todos os países da América Latina. Isso beneficiaria muitos países e facilitaria para ele mesmo, Dom Agnelo, aceitar o convite.

2.2. O COMLAS

Foi então que, de 20 a 30 de novembro de 1977, na cidade de Torreón, México, aconteceu o COMLA 1, com o lema: “Salvação universal, compromisso do México”. O COMLA 2 teve lugar, ainda no México, em Tlaxcala, de 16 e 21 de maio de 1983, com o lema: “Com Maria, missionários de Cristo”.

De 5 a 10 de junho de 1987, pela primeira vez, o COMLA foi celebrado fora do México, isto é, na Colômbia, em Bogotá, como Terceiro Congresso e com o lema: “América, chegou a tua hora de ser evangelizadora”. Depois, a cidade de Lima, Peru, de 3 a 8 de fevereiro de 1991, acolheu o COMLA 4, que teve como lema: “América Latina, a partir de tua fé, envia missionários!”. Era véspera dos 500 anos da América Latina e, portanto, pautou-se pelo projeto do Papa João Paulo II para o novo milênio: “Nova Evangelização com novo ardor, novo método e nova expressão”, lançado no Haiti em 1983, explicitado em Salto, no Uruguai, em

março de 1988, e como fio condutor da preparação imediata ao jubileu do nascimento de Jesus, pelo megaprojeto *Tertio Millennio Adveniente (Rumo ao terceiro milênio)*, em 1994.

E o COMLA 5 aconteceu, no Brasil, na cidade de Belo Horizonte, de 18 a 23 de julho de 1995, com o tema: “O Evangelho nas culturas, caminho de vida e de esperança” e o lema: “Vinde, vede e anunciai”. Tive a graça de participar da Equipe de Preparação do COMLA 5.

2.3. O COMLAS e o CAMS

No encerramento do COMLA 5, em Belo Horizonte, o Cardeal Josef Tomko, Prefeito da Congregação *Propaganda Fidei*, propôs, a partir do Sínodo da América, de que dali em diante não se contemplasse apenas a América Latina, mas toda a América e o Caribe. Nascia assim, na cidade de Paraná, na Argentina, junto com o COMLA 6, o Primeiro Congresso Americano Missionário (CAM 1), de 28 de setembro a 3 de outubro de 1999, vésperas do Jubileu 2000. O tema escolhido foi: “Jesus Cristo, vida e esperança para todos os povos!”, e o lema: “América com Cristo, sai da tua terra!”.

O COMLA 7 e o CAM 2 foram celebrados na cidade de Guatemala, Guatemala, de 25 a 30 de novembro de 2003, com o tema: “Anunciar o Evangelho da vida” e o lema: “Igreja na América, tua vida é missão!”. Logo depois da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em 2007, em Aparecida-SP, aconteceu, em Quito, Equador, o COMLA 8 e o CAM 3, de 12 a 17 de agosto de 2008, com o tema: “A Igreja em discipulado missionário” e o lema: “América com Cristo, escuta, aprende e anuncia!”.

2.4. COMLA 9 e CAM 4

No final do COMLA 8 e do CAM 3, a Venezuela foi escolhida para sediar o COMLA 9 – CAM 4. Os preparativos foram impulsionados a partir de 2010 e a data, depois de várias mudanças, devido ao processo eleitoral naquele país em 2012-2013, ficou fixada para os dias 26 de novembro

a 1o de dezembro, e a cidade de Maracaibo sediará os dois eventos, com a previsão de aproximadamente três mil participantes, especialmente da América Latina, do Caribe, dos Estados Unidos, do Canadá, além de outros convidados do mundo todo.

As Pontifícias Obras Missionárias (POMs), junto com o Episcopado da Venezuela, elaboraram um calendário de preparação e realização do CAM 4 – COMLA 9. Para a escolha do tema levou-se em consideração a Conferência de Aparecida e foram assumidos dois aspectos fortes do mundo em mudança: “Discípulos missionários de Jesus Cristo, desde América num mundo secularizado e pluricultural”. O lema é uma convocação mobilizadora da Igreja do continente americano para a missão *ad gentes*: “América Missionária, partilha a tua fé!”.

Além de cartaz, folhetos divulgativos, textos de reflexão, oração oficial, implementação do site <www.venezuela-cam4.org>, foram promovidos dois simpósios preparatórios. O primeiro em Caracas, em janeiro de 2011, com o tema “Discípulos missionários” e o lema “América, levanta-te e vê!”. O Segundo Simpósio Internacional Missiologico foi realizado em janeiro de 2012, no Panamá, com o tema: “Discípulos missionários de Jesus Cristo num mundo secularizado e pluricultural” e o lema: “América, escuta a Palavra da vida e a anuncia!”.

3. O Brasil comprometido com o CAM 4 e o COMLA 9

3.1. No processo preparatório

As Pontifícias Obras Missionárias, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) somam forças para levar adiante a preparação e realização do CAM 4 e do COMLA 9.

Do Primeiro Simpósio Internacional em Caracas, janeiro de 2011, participaram: Padre Daniel Lagni (POMs), Padre

Altevir (CNBB) e Irmão Nery, fsc (CRB). No Segundo Simpósio, no Panamá, em janeiro de 2012, estiveram Padre Camilo Pauletti (POMs) e Irmão Nery, fsc (CRB). Na mesma data, o Padre Altevir teve de participar do Capítulo Provincial dos Espiritanos, no qual, aliás, foi eleito provincial.

Em começos de 2011, o Conselho Missionário Nacional (COMINA), reunido em Brasília, teve acesso ao itinerário de preparação do CAM 4 – COMLA 9, assumindo, em nível de Brasil, a missão de mobilizar e animar a Igreja para o chamado missionário *ad gentes*. Para isso foram decididas algumas atividades significativas, entre as quais a realização do Terceiro Congresso Missionário Nacional, em julho de 2013, na cidade de Palmas-TO, e, em função dele, a elaboração e distribuição de um texto-base para fevereiro de 2012, do qual participei com um texto.

3.2. Terceiro Congresso Missionário Nacional

De 11 a 13 de março de 2012 representantes das forças missionárias da Igreja Católica no Brasil se reuniram na sede nacional das Pontifícias Obras Missionárias, em Brasília-DF, para a 29ª Assembleia do COMINA, organismo cuja finalidade é a animação, a formação, a organização e a cooperação missionária além-fronteiras das Igrejas locais.

O principal objetivo do evento foi a preparação do Terceiro Congresso Missionário Nacional (3o CMN), que acontecerá de 12 a 15 de julho em Palmas-TO. E o objetivo geral deste 3o CMN, segundo o diretor das Pontifícias Obras Missionárias do Brasil, Padre Camilo Pauletti, é: “Assumir a dimensão universal da missão, guiados pelo Espírito, a serviço do Reino, à luz do Concílio Vaticano II e da caminhada latino-americana em vista do CAM4 – COMLA 9”.

A Assembleia ajustou o tema inicialmente proposto para o Congresso. Eis a versão aprovada: “Discipulado missionário: do Brasil para um Mundo secularizado e pluricultural à luz do Vaticano II”. E o lema é este: “Como o Pai me enviou, assim eu vos envio” (Jo 20,21). Chegou-se a acordo de que os participantes do Congresso, por volta de

seiscentas pessoas, devem ser pessoas que estejam engajadas nas atividades missionárias nos regionais e dioceses e que cada Regional terá uma cota de vagas, seguindo alguns critérios determinados pela organização.

Na Assembleia do COMINA foram apresentados alguns materiais do 3o CMN, entre eles o site <www.pom.org.br/congresso/>, onde estão sendo publicadas todas as informações e documentos oficiais do Congresso; o Instrumento de Trabalho, que é o texto-base do Congresso, além do cartaz e da logomarca.

Os Congressos Missionários Nacionais são pensados e realizados em preparação aos congressos missionários americano e latino-americano (CAM – COMLA). Segundo Padre Estêvão Raschietti, secretário executivo do Centro Cultural Missionário (CCM), “os CMN propõem-se como forte momento de reflexão, animação e articulação em torno da natureza missionária da Igreja e de suas tarefas evangelizadoras prioritárias no mundo de hoje, com enfoque na missão *ad gentes* (além-fronteiras)”.

O Primeiro Congresso Missionário Nacional aconteceu em Belo Horizonte-MG em julho de 2003, em preparação ao CAM2 – COMLA7, na Guatemala, e desenvolveu o tema “Igreja no Brasil, tua vida é missão”. O 2o CMN foi realizado em Aparecida-SP, em maio de 2008, com o tema “Do Brasil dos batizados ao Brasil de discípulos-missionários sem fronteiras”. Essa etapa seguiu as orientações da V Conferência Episcopal da América Latina e Caribe, ocorrida em 2007 na mesma cidade, e que convocou as Igrejas do continente para assumir e operacionalizar a missão recebida de Cristo.

A Assembleia do COMINA, que acontece a cada dois anos, é um momento para cultivar o conhecimento das diferentes realidades dos Conselhos Missionários Regionais (COMIRES), dos organismos e das instituições vinculadas ao COMINA. O presidente do COMINA, Dom Sérgio Arthur Braschi, afirma que “o que se visa nestes encontros é aprofundar a identidade do COMINA e dos COMIRES, proporcionar o aprofundamento de conteúdos da

missiologia, avaliar a caminhada do COMINA e projetar seu futuro, enfim, ajudar na caminhada missionária da Igreja no Brasil”.

Participaram da 29ª Assembleia do COMINA os bispos e assessores responsáveis pela dimensão missionária da Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o diretor e os secretários das Pontifícias Obras Missionárias (POMs), o secretário executivo do Centro Cultural Missionário (CCM), a presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), os presidentes do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e da Pastoral dos Brasileiros no Exterior (PBE), os coordenadores dos Conselhos Missionários Regionais (COMIRES) e os representantes de Institutos, Associações e imprensa missionários.

4. Vida Consagrada e missão

4.1. Ser Religio a(o)

O seguimento de Jesus, ao estilo da Vida Religiosa Consagrada, assume e desdobra a consagração batismal, radicalizando a vivência do discipulado missionário por meio da oblação, o mais plena possível, da pessoa a Deus, ao projeto do amor fraterno segundo o mandamento novo de Jesus e ao mandato evangelizador: “Ide, fazei discípulos”. Consagração, vida fraterna e missão constituem, portanto, o tripé essencial do ser Religiosa(o), que, porém, abrange outras dimensões muito típicas do estilo de vida assumido por Jesus: pobreza, castidade, obediência, vida orante, vida fraterna, vida missionária e opção preferencial pelos pobres. As três primeiras características são votos regidos pelo Direito Canônico e pelo direito particular de cada Congregação, Instituto, Ordem, Comunidade de Consagrados, Sociedade de Vida Apostólica. As demais características são assumidas radicalmente, pois fazem parte essencial do estilo denominado Vida Religiosa Consagrada.

4.2. A(O) Religiosa(o) e a mi o

A primeira missão da(o) Religiosa(o) é, obviamente, “ser Religiosa(o)”, pelo testemunho da vivência dos elementos que constituem seu ser, conviver e agir. Mais que “agente de pastoral”, a(o) Religiosa(o) é chamada(o) pelo Senhor (vocação) para continuamente lembrar, à própria Igreja em primeiro lugar e ao mundo, que Deus é o Absoluto e que tudo deve existir e funcionar para a sua glória. Este é, certamente, o maior desafio das(os) Religiosas(os) na Igreja e no mundo de hoje, cobrados que são por situações eclesiais que as(os) envolvem em ocupações absorventes de empregados ou suplentes de presbíteros e suplentes de agentes de pastoral e de responsabilidades que são do Estado em áreas como saúde, educação, assistência a diversas necessidades do povo, especialmente, pobre, abandonado, excluído, socialmente sobrando. Novas leituras desses trabalhos são realizadas no sentido mais sacramental e profético do que de efetiva solução de situações sociais.

Mas para “ser Religiosa(o)” requer-se previamente a decisão consciente, esclarecida, coerente e generosa por Jesus Cristo e seu Plano de Salvação. Um verdadeiro drama para a pessoa, para a Congregação, para a Igreja e o mundo, é chegar a fazer votos, mas sem que se tenha vivido verdadeiramente o encontro pessoal com Jesus Cristo, sem que se tenha vivido um radical processo de conversão. Esta é, aliás, a missão da Pastoral Vocacional e das Casas de Formação para que a(o) jovem chegue à profissão religiosa com sua estrutura humana e cristã devidamente trabalhada. A graça supõe a natureza, ensina Santo Tomás de Aquino. Hoje a dimensão humana e cristã já não é, no fundamental, trabalhada na família, nem nas paróquias, nem nas escolas, o que exige que os anos da Formação Inicial para a Vida Religiosa Consagrada sejam seriamente dedicados à formação humana e à iniciação à vida cristã para que se tenha bases mais sólidas para a opção pela VRC.

É bom lembrar que a(o) Religiosa(o), por vocação e missão, é uma(um) peregrina(o), sem fixação em casa, cidade,

obra. Além de mobilizar-se periodicamente para o recomeço da vida comunitária e da missão, cada Religiosa(o), por saber que periodicamente será transferida(o), se vê na

mobilizadores – tais como o Terceiro Congresso Missionário Nacional (2012); a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro em julho de 2013; o CAM 4 – COMLA 9 (2013) – se transformem em tempo favorável, em *kairós* missionários para todas as nossas Congregações.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Que partes deste artigo me chamaram a atenção e por quê?
2. O que minha Congregação faz de concreto para crescer na compreensão da missão e no desempenho da mesma?
3. Que dificuldades há, em geral, na Vida Consagrada, com relação à missão *ad gentes* e como superá-las?

Tarefas que apontam para um novo modelo de Vida Religiosa Consagrada missionária hoje

ESTÊVÃO RASCHIETTI, SX*

Há, hoje, uma insistente demanda por novos modelos de Vida Religiosa Consagrada (VRC) missionária que abram caminhos de esperança, em tempos de profundas mudanças, crises e travessias de época.

O contexto hodierno da missão não é mais aquele do nosso Fundador ou da nossa Fundadora, nem aquele dos arquetipos de nossa imaginação, nem o destemido de épocas relativamente recentes.

Pelo contrário, o *paradigma da missão* leva, hoje, a VRC, como um todo e a partir de dentro, a um profundo, radical e essencial repensamento de suas estruturas, de sua compreensão, de suas relações, de seus projetos e de seus horizontes, assim como é proposto pelo *Documento de Aparecida (DAp)* ao conjunto de dioceses, paróquias, comunidades, movimentos e instituições das Igrejas latino-americanas e caribenhas.

Para “esta firme decisão missionária [que] deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais” (*DAp*, n. 365) não há receitas, nem modelos testados e aprovados. Há, sim, algumas tarefas a serem cumpridas com participação e diligência, na assídua busca da permanente fidelidade ao Senhor e de um papel profético inédito para a VRC, no tempo presente.

Duas considerações

Antes de tudo, é preciso fazer duas considerações preliminares.

* **Padre Estêvão Raschietti** é missionário xaveriano, italiano, há mais de vinte anos no Brasil. Mestre em Teologia Dogmática com concentração em Missiologia. Atualmente, é diretor do Centro Cultural Missionário de Brasília. **Endereço do autor:** Centro Cultural Missionário. SGAN 905 Conj. C, Asa Norte, CEP 70790-050, Brasília- DF. E-mail: rasquio@ccm.org.br.

A primeira é uma nota de reflexão sobre a época de crise e de incerteza que estamos vivendo, marcada pela diminuição das vocações, pelo envelhecimento, pela “anemia evangélica”,¹ pela falta de projetos, pela irrelevância social, pela fragmentação da identidade carismática. Paradoxalmente, esta época pode ser a melhor para repropor o projeto originário da VRC, exatamente a partir da fragilidade histórica na qual ela se encontra.² Ao contrário, quando os números se tornam sinônimo de sucesso, o reconhecimento social é considerado uma meta, a missão é medida pela eficiência e pela visibilidade, o risco é de a VRC cair na lógica do mundo, sofrer um terrível processo de “paganização” e perder o sentido da transcendência de sua vocação.

Os tempos de hoje, portanto, são de purificação e de retomada do essencial. É fundamental não sucumbir à mediocridade e ao descompromisso, como também à tentação de voltar ao passado, pois esse passado não existe mais.

A segunda consideração diz respeito ao desafio de olhar para frente. A reconstituição da experiência fundante e da visibilidade evangélica da VRC se dá ao redor de três aspectos essenciais: experiência de Deus, vida fraterna e missão. Entre esses aspectos há uma complementaridade e uma *unidade circular*, e sua desarticulação “é uma das expressões mais evidentes dessa situação fragmentada da VR Apostólica”.³

Michael Amaladoss alertava, há muito tempo, sobre o tremendo equívoco de interpretar de *maneira linear* essa unidade, o que causaria a própria fragmentação do conjunto.⁴ Em outras palavras, não haveria *antes* uma experiência de Deus (identidade), partilhada e alimentada em um contexto fraterno (comunidade), para *depois* – eventualmente (!) – ser estendida ao mundo (missão). Pelo contrário, a missão alimenta a experiência de Deus e estrutura a comunidade, assim como a comunidade qualifica a missão e a experiência de Deus, sem *antes* e sem *depois*.

1. Cf. PALÁCIO, Carlos. Luzes e sombras da Vida ano 6.996 4.

1. Redescobrir a dimensão teológica da missão

Eis, então, que a primeira grande tarefa é redescobrir a dimensão teológica da missão.

O Concílio Vaticano II afirma, sem rodeios, que “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária” (*Ad Gentes*, n. 2). A palavra “natureza” quer dizer “essência”. Missão, antes de ser “tarefa”, é “essência”: o aspecto mais central, a característica mais importante, que confere à Igreja uma identidade, um caráter distintivo.

Essa essência, continua o decreto *Ad Gentes*, “tem origem na missão do Filho e na missão do Espírito, segundo o desígnio do Pai”, que por sua vez “brota do amor *fontal*, ou seja, da caridade, do próprio Pai” (cf. AG, n. 2). Em outras palavras, a missão vem de Deus porque Deus é Amor, um amor que não se contém, que transborda, que se comunica, que sai de si.⁵ Missão é essência de Deus, diz respeito ao que Deus “é” e não, primeiramente, ao que Deus “faz”. Por tabela, para a Igreja a missão torna-se *impulso* gratuito, de dentro para fora, que tem como origem e fim a participação na vida divina (cf. *Dap*, n. 348).

Portanto, como diria Moltmann, não é a Igreja que “tem” uma missão, mas, ao contrário, a missão é que tem uma Igreja: Deus realiza sua missão através da ação de seu Espírito, chamando a Igreja a participar.⁶ Eis a mudança de paradigma: a Igreja deixa de ser “missionante” (aquela que envia) para tornar-se “missionária” (enviada), não mais como “dona”, mas como humilde “serva” da missão. Dessa maneira, participando da missão de Deus, ao ser enviada aos povos, ela participa da vida de Deus, que é vida plena, vida eterna.

Esses fundamentos têm desdobramentos imediatos para a VRC, pois “a contribuição específica dos consagrados e consagradas para a evangelização consiste, primeiramente, no testemunho de uma vida totalmente doada a Deus e aos irmãos” (*Vita Consecrata*, n. 76). Num mundo marcado pelo secularismo, pelo individualismo e pelo relativismo, a

5. Cf. SUESS, Paulo. Missão como caminho, encontro, partilha e envio. Perspectiva, desafios e projetos. In: *Igreja no Brasil, tua vida é missão*. I Congresso Missionário Nacional. Brasília: POM, 2003. p. 54-55.

6. Cf. MOLT-MANN, J. *La Iglesia en la fuerza del Espíritu*. Salamanca: Sígueme, 1978. p. 26.

missão da VRC tem como finalidade manifestar a missão de Deus. Se antigamente a atividade missionária era voltada mais a “salvar almas”, hoje poderíamos dizer que está voltada a “salvar Deus”,⁷ e anunciar, assim, a possibilidade de um mundo mais humano.

Compreender a missão não como atividade ou necessidade histórica, mas como essência gratuita de Deus-Amor, é o primeiro passo para uma profunda renovação da VRC. Trata-se de deslocar a missão da afirmação da pessoa ou da Instituição para a transparência do testemunho sem pretensões, numa discreta prática jesuana de proximidade aos outros e aos pobres, para comunicar vida em termos de humanidade, compaixão, fraternidade sem fronteiras. Amar humildemente o humano em todas as suas manifestações e limitações: isto é divino, gratuito, e recompensa a si próprio.

2. *Articular o discipulado com a missão*

A segunda tarefa diz respeito ao legado da Conferência de Aparecida sobre o discipulado articulado com a missão. No *Documento Final*, os dois temas apresentam-se geralmente de maneira bem conjugada na expressão “discípulos missionários” – sem o “e” no meio – a indicar “as duas faces da mesma moeda” (*DAP*, n. 146), numa mútua e significativa implicação.

Com efeito, discipulado e missão não são dois momentos distintos. Ao subir o monte, Jesus constitui o grupo dos doze para “ficar com ele” e “ser enviados a pregar” (cf. Mc 3,13-14). Mas esse “ficar com ele” não significa “estar com ele”, e sim “viver em comunhão com ele” (cf. *DAP*, n. 154), assumindo sua causa, partilhando em tudo o seu destino.⁸ Pedro respondeu certo à pergunta sobre a identidade de Jesus: “Tu és o Messias” (cf. Mt 16,16). Logo depois, porém, o Mestre o chama de Satanás, porque o discípulo “estava” com Jesus, mas ainda não tinha aderido à missão dele.

“Todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão, *ao mesmo tempo que* o vincula [a ele] como amigo e irmão” (*DAP*, n. 144). A passagem do discipulado

7. Claro que Deus não precisa de salvação, mas sua presença e sua missão precisam ser salvaguardadas e manifestadas diante de um mundo em que foi anunciada a morte de Deus (cf. Nietzsche, Friedrich. *A Gaia ciência*. Aforisma 125).

8. Cf. BARBAGLIO, G.; Fabris, R.; Maggioni, b. *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990. p. 454.

à missão é *algo de imediato* e vice-versa. A missão torna-se, assim, a verdadeira escola para a comunidade dos discípulos, no momento em que a proposta de seguimento de Jesus acontece no caminhar da missão.

Contudo, também a missão acontece *no* discipulado. Jesus não envia os doze “mestres”, mas doze discípulos, aprendizes, “irmãos”: “Nunca se deixem chamar de mestres” (cf. Mt 23,8). A missão é a alegria de ser um eterno aprendiz!

Ao mesmo tempo, todo discípulo é chamado para ser missionário. O discipulado jamais é fim em si mesmo: constitui-se sempre em vista da missão. Por outro lado, a finalidade da missão é “fazer discípulos todos os povos” (cf. Mt 28,19), ou seja, “fazer irmãos”, praticantes da Palavra (cf. Mt 7,21), segundo a cartilha do Sermão da Montanha (cf. Mt 5-7).⁹ Enfim, missão é fazer com que todos se tornem “discípulos missionários”.

As sugestivas implicações entre o discipulado e a missão são inspiradoras para uma profunda renovação da VRC Apostólica. Dizem respeito ao caminho formativo e à finalidade da vocação. O que tem a dizer, por exemplo, a proposta jesuana de seguimento “na” missão às nossas estruturas formativas de “confinamento”? De que maneira repensar nossa missão como discípulos e não como mestres? O seguimento de Jesus está nos lançando para a missão, ou nossa acomodação é sintoma de não seguimento? E mais: nossa missão é centrada em “fazer obras” ou em “fazer discípulos missionários”?

Um sábio discernimento, sobre esses pontos, deveria nos reconduzir *ao ponto* de nossa vocação.

3. *Dar vida a novos modelos de fraternidade*

Assim como o paradigma da missão se articula com o seguimento, também se propõe como algo de constitutivo para a vida fraterna em comunidade. A maioria dos(as) fundadores(as), para encarar apaixonadamente os diversos desafios pelos quais se sentiam atraídos, deram-se ao trabalho de estruturar comunidades e propor formas particulares

9. Cf. RASCHIETTI, Estêvão. Discípulos missionários e missionárias *ad gentes* do Brasil para o mundo. In: *Instrumento de Trabalho do 3º Congresso Missionário Nacional*. Brasília: POM, 2012. p. 62.

de VRC, em sintonia com a causa e em vista do contexto em que as pessoas eram chamadas a atuar. Vários deles e delas tiveram de adotar modelos da tradição monástica, adaptando-os às circunstâncias, muitas vezes libertando-os da clausura, do hábito, de excessivas práticas de piedade etc. Em várias ocasiões, porém, foram obrigados a aceitar estruturas que nem sempre se encaixavam com seus carismas.

Parece claro que os diferentes contextos de missão geraram várias formas de VRC.¹⁰ Por isso, é útil compreender a missão como a base da Vida Consagrada, onde o essencial não é uma vida compartilhada, mas uma missão assumida em comum. Podemos afirmar que esse ponto é o divisor das águas entre uma simples “convivência” e uma verdadeira “comunidade” de irmãos e de irmãs.

Eis, então, que a comunidade também *acontece* na missão. Ela não é anterior à missão como algo preestabelecido: é constituída a partir da missão, em sua experiência espiritual e em seus aspectos concretos e institucionais. Infelizmente, não é isso o que acontece. A ruptura entre vida comunitária e missão é uma das principais razões da profunda crise em que se encontra a VRC.

Com certeza, também a missão se qualifica, decididamente, quando *acontece* em comunidade. O mundo exige, hoje, um testemunho de comunhão, de fraternidade e de diálogo (cf. *VC*, n. 51), não apenas como autêntico *serviço* evangélico, mas também como *signal*. Portanto, entender a missão como *projeto comum* não é só estratégia para uma eficácia pastoral, mas é principalmente fidelidade na imitação do Mestre, que quis a missão *em comunidade*, enviando seus discípulos dois a dois (cf. Mt 10,1-4). Nela se expressa o engajamento fundamental contra toda forma de domínio sobre o outro, e a prática assídua da fraternidade, como manifestação de uma nova lógica de convivência universal. A comunhão e a partilha anunciam o transbordar do amor de Deus-Trindade em nossas vidas, como nova maneira de repensar as relações com as pessoas, além de todas as fronteiras, para transformar o mundo numa só família.

10. Cf. CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *A vida fraterna em comunidade*. n. 59a. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccs-clife/documents/rc_con_ccsclife_doc_02021994_fraternal-life-in-community_po.html>.

Desse modo, a tarefa que temos de cumprir é dar vida a novos modelos de fraternidade, a partir da missão; articular não “Projetos Comunitários de Vida” e sim “Projetos Comunitários de Missão”: adequar nossas estruturas, relações, estilos de vida, espiritualidades, meios e planejamentos às frentes missionárias assumidas segundo o nosso carisma.

4. *Sair de nossas obras e lugares comuns*

Acontece, porém, que muitas de nossas presenças apostólicas já fizeram seu tempo e já cumpriram sua missão. Durante vários séculos a VRC expressou sua entrega à missão, particularmente aos mais necessitados, através de instituições, como hospitais, escolas, obras sociais de todo tipo, e de competências ligadas à promoção dessas iniciativas. Isso dava não somente visibilidade e apreço por parte da sociedade, mas também um papel bem definido, assumido pela VRC com esmerada dedicação.

Hoje, a situação mudou por completo. Muitas “missões” dos Religiosos e das Religiosas tornaram-se – graças a Deus – serviços públicos garantidos pelo Estado, quando não também pelo mercado. No que diz respeito à ação pastoral, a labuta incansável dos Religiosos e das Religiosas está sendo, aos poucos, reposta pelo clero diocesano e pela própria organização da Igreja local, não sem conflitos. É claro que nada vai substituir a presença carismática da VRC na Igreja e no mundo, visto que não pode ser reduzida a mera execução de tarefas nem confundida com uma profissão qualquer.

Entretanto, sua visibilidade e sua “utilidade” social e eclesial ficam seriamente comprometidas. A imagem do majestoso transatlântico encalhado e inclinado pelo lado direito, prestes a ser engolido pelo mar, parece ser a metáfora de muitas obras, missões e estruturas da VRC, por um tempo gloriosas. Agora, passageiros e tripulantes precisam *sair* às pressas, subir nos botes salva-vidas e encarar as trevas da noite e as turbulências do alto-mar.

A missão aponta sempre para uma conversão em termos de *saída*. A esse respeito, o *Documento de Aparecida* não podia

ser mais explícito quando fala “de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (*DAP*, n. 365) e de “sair de nossa consciência isolada e de nos lançarmos, com ousadia e confiança (parrésia), à missão de toda a Igreja” (*DAP*, n. 363). O caminhar da missão em direção ao Reino é um caminhar no Espírito, que exige um trabalho constante de discernimento, para não confundir a fidelidade ao Senhor com a fixação em modelos historicamente limitados.

A experiência missionária é sempre marcada pela itinerância, pelo despojamento, pela leveza e pela provisoriedade, por um contínuo entrar e sair, por um êxodo pascoal de morte e ressurreição. A missão jamais deita raízes em algum lugar. Também Jesus não quis ficar mais do que o tempo devido: “[...] é melhor para vocês que eu vá embora”, falou a seus discípulos (cf. Jo 16,7). A missão exige a aprendizagem de uma *ars moriendi*, uma “arte de morrer”, uma *kénosis* radical que nasce da compaixão, do desejo de aproximação, do dom de si e da absoluta gratuidade.

5. Recolocar nossas presenças na lógica da loucura de Deus

Para um novo modelo de VRC missionária, a saída de lugares comuns é algo que determina decididamente uma nova identidade da comunidade e reanima o projeto. Essa saída aponta para o alto-mar: “duc in altum”, “avance para águas mais profundas” (cf. Lc 5,4). O mar não é o redil do pastor nem o campo do semeador.¹¹ É um lugar assombroso e angustiante, cujo horizonte nos diz que estamos perdidos. Estamos como naufragos sem bússola, que fixamos um céu sem astros: é o *des-astre* da travessia.¹²

Mesmo assim, Jesus convida Pedro a “lançar as redes” (cf. Lc 5,4), a “não ter medo” e a “pescar homens” (cf. Lc 5,10), que quer dizer “salvar homens” das águas de uma vida egoísta e interesseira para uma vida plena, que é uma vida dada (cf. *DAP*, n. 360).

11. Cf. GIRARD, Marc. *A missão da Igreja na aurora do novo milênio*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 45-75.

12. Cf. TOSOLINI, Tiziano. *Dire Dio nel tramonto. Per una teologia della missione nel posmoderno*. Bologna: EMI, 1999. p. 19.

Acreditar na palavra de um carpinteiro que pretende ensinar a pescar é loucura. Mais ainda quando sua mensagem desafia a Lei e seu agir é contra todo tipo de bom senso: para seus familiares, Jesus não é bom da cabeça (cf. Mc 3,21); para as autoridades, é um possuído pelo demônio (cf. Jo 10,20); muitos dos seus discípulos o abandonam (cf. Jo 6,66). Até João Batista tem lá suas dúvidas (cf. Mt 11,3). O modo de ser de Jesus surpreende e desconcerta demais: ele é tão entregue às pessoas que não consegue sequer comer (cf. Mc 3,20), transcurando seus interesses, os interesses de seu povo e de sua família, que quer se reapropriar dele (cf. Mc 3,21). Tal é a loucura de Deus que confunde os sábios (cf. 1Cor 1,27).

Seguir Jesus exige uma conversão do pensamento humano ao pensamento de Deus (cf. Mt 16,23): é uma metanoia (mudança de mente) de cento e oitenta graus, uma reorientação radical da própria vida. Nossos “olhos fixos em Jesus” contemplam o “archegos” (cf. Hb 12,2 – “aquele que anda na frente”, traduzido como “autor”), nossa mente está cravada no “apóstolo” (cf. Hb 3,1), que “vai à frente para a Galileia” (cf. Mt 28,7). Se quisermos encontrar Jesus, temos de ir à Galileia. Lá está ele, “pregando a Boa-Nova do Reino e curando todo tipo de doença” (cf. Mt 4,23). Onde estão hoje as Galileias?

Uma das questões-chave para a VRC missionária é a re-colocação de suas presenças. Nem sempre é preciso reestruturar-se para ser mais eficientes. Muitas vezes, a grande mudança é uma simples questão de reposicionamento. Uma efetiva opção pelos pobres (cf. *DAP*, n. 397), por exemplo, pode significar para a VRC um deslocamento fundamental em termos de perceber e questionar a realidade do ponto de vista das vítimas, dos crucificados e dos injustiçados, aderindo de fato a um projeto de mundo global mais justo e solidário, significativamente “outro” que não o que temos diante dos olhos.

6. Estender a missão ad gentes e ad extra

Não poderemos falar de um novo modelo de VRC missionária se não estendermos, ainda mais além, o nosso olhar e o alcance de nossos caminhos. A travessia do mar leva os discípulos para “a outra margem”, às terras dos outros.

A saída de si tem como horizonte os confins da terra. É sempre um andar “extrovertido” além de todas as fronteiras. Essa universalidade não significa “tarefa específica”: diz respeito à própria essência e à dinâmica da missão. Se nossa missão fosse geográfica, cultural, étnica, social ou eclesialmente limitada, e se se dirigisse somente a “nós”, ela se tornaria excludente. João Paulo II, em sua encíclica missionária, afirma: “Sem a missão *ad gentes*, a própria dimensão missionária da Igreja ficaria privada do seu significado fundamental e do seu exemplo de atuação” (*Redemptoris Missio*, n. 34).

Com certeza, as fronteiras adquiriram um significado não apenas geográfico, mas também social e cultural (cf. *RM*, n. 37). Entretanto, vivemos num mundo globalizado que nos impele para uma visão mundial dos desafios. Hoje, o cristão é chamado, por vocação, mais do que qualquer outra pessoa, a ser universal, ou seja, uma pessoa que tem responsabilidade não só sobre si e sua comunidade, mas sobre o mundo inteiro através de suas opções, suas atitudes, sua consciência e seus compromissos. Numa época como a nossa, não é mais possível pensarmos em termos regionais, nacionais ou congregacionais: são pequenos demais.

A paixão pelo mundo, própria da vocação cristã, se expressa no sentir e no vibrar profundamente pela humanidade inteira, e em ser capaz de realizar gestos ousados e concretos de solidariedade, de partilha e de aproximação com os outros povos. Só assim nos tornaremos um sinal profético de uma nova humanidade mundial, fraterna e multicultural.

A partida radical da “terra”, da comunidade, dos afetos, das referências culturais, dos bens, leva o discípulo a um autêntico despojamento de si, para tornar-se hóspede na

casa dos outros. É de se perguntar se não é esse tipo de experiência que revela a mais profunda identidade da VRC. Não é por acaso que o Concílio Vaticano II convida todas as Congregações de VRC a “alargar mais a sua atividade em ordem à expansão do Reino de Deus entre os gentios; se podem deixar a outros, certos ministérios, para dedicar às missões as suas forças; [...] adaptando, se for preciso, as suas Constituições, [...]” (AG, n. 40). E ainda: Bento XVI recorda que “a *vida consagrada* resplandece, em toda a história da Igreja, pela sua capacidade de assumir explicitamente o dever do anúncio e da pregação da Palavra de Deus na *missio ad gentes* e nas situações mais difíceis, [...]” (VD, n. 94c).

7. Promover uma ação missionária partilhada

Essa missão mais exigente nos convida, também, a uma estreita colaboração entre Congregações de VRC. Hoje, a complexidade das situações e a complementaridade dos saberes tornou extremamente difícil uma ação missionária significativa, por parte de um ou outro Instituto. Para todos, chegou o tempo da interdisciplinaridade. Os fóruns de reflexão conjunta e os espaços de colaboração entre Congregações Religiosas produziram frutos abundantes. Não estaria na hora de dar um passo adiante, para valer, e enfrentar uma nova etapa no mutirão intercongregacional, projetando iniciativas de evangelização em resposta aos muitos desafios do mundo de hoje?

Nesse sentido, a missão *ad gentes* e *ad extra* começa por Jerusalém, como diria o evangelista Lucas (cf. Lc 24,47), numa conversão, a partir de dentro da VRC, que rompe círculos fechados, saturados, muitas vezes monopolizados por estruturas de poder, e se abre, pela ação do Espírito, à partilha, ao diálogo, ao outro.

O caminho não é fácil, com certeza, mas é possível e urgente, se pensamos que o próprio movimento ecumênico no século XX começou com uma tomada de consciência inspirada pela experiência missionária: a divisão das Igrejas

era um empecilho determinante ao anúncio do Evangelho entre os povos não cristãos.

A esse respeito, as Congregações hão de estender um piedoso véu sobre alguns aspectos da história passada, onde as missões serviram frequentemente para alimentar certo narcisismo e triunfalismo institucional. Divisões de territórios e criações de colônias espirituais tornaram-se, em muitos casos, “feudos” para administrar bens e obras das Congregações, com forte espírito corporativista e de competição, prejudicando, sobretudo, o crescimento das Igrejas locais. As terras das missões tornaram-se, assim, terras das Congregações. O Padre Paolo Manna, pime, ainda em 1929, dizia que as Ordens e os Institutos religiosos, nos territórios de missão, “em lugar de estabelecer a Igreja, acabaram estabelecendo a si mesmos”.¹³

A VRC é chamada hoje a assumir penitencialmente essa história, que influenciou negativamente tanto as missões *ad extra* como as presenças *ad intra* do mundo ocidental. Cada família religiosa precisa promover, pontualmente, um profundo discernimento, mudar a mentalidade e partir de outros pressupostos. Isso implica repensar novas formas de governo, processos de formação inicial mais integrados, projetos partilhados de missão e interações de presença e serviços que ajudem gradativamente a superar toda forma de particularismo, mantendo ao mesmo tempo a originalidade de cada proposta.

Se esse nosso tempo está caracterizado por graves desafios e rápidas mudanças, está também carregado de novas promessas de futuro.

Conclusão: tentar tornar tudo isso realmente efetivo

Quando chegamos a colocar em prática essas possíveis orientações, sabemos o quanto isso exige esforço, caminhos pedagógicos, tempos demorados, inevitáveis frustrações: com efeito, na prática a teoria é outra! No entanto, o verdadeiro discípulo de Jesus se distingue exatamente pela

13. BUTTURI-NI, Giuseppe. *Le missioni cattoliche in Cina tra le due guerre mondiali*. Osservazioni sul metodo moderno di evangelizzazione di P. Paolo Manna. Bologna: EMI, 1998. p. 129.

prática: “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor! Senhor!’, entrará no Reino dos Céus, mas só aquele que põe em prática a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7,21).

A esse respeito, Jesus conta uma parábola para atacar, de frente, uma Vida Religiosa feita de hipocrisia e de mentira, tanto de ontem como de hoje. Um homem tinha dois filhos e convidou os dois para trabalhar na vinha dele. O primeiro disse “não”, mas depois foi; o segundo disse “sim”, mas depois não foi. Jesus conclui: “Pois eu garanto a vocês: os cobradores de impostos e as prostitutas vão entrar antes de vocês no Reino do Céu” (cf. Mt 21,31).

Quem é o filho que disse “não”, mas depois foi trabalhar na vinha? Os cobradores de impostos, considerados ladrões e exploradores, e as prostitutas, gente com a existência prejudicada pela escolha de um caminho errado: disseram “não” um dia, mas depois, no dia a dia, passaram a usar misericórdia para com seu próximo (cf. Mt 25,31-46). O Pai, “que vê no escondido” (Mt 6,4), sabe de seu arrependimento e de sua conversão, apesar de sua reputação.

Quem é o filho que disse “sim”, mas não foi trabalhar? Os(as) Religiosos(as), que proclamam publicamente seu “sim” a Deus diante do povo, porém depois não praticam a Palavra. Dessa maneira, Jesus desmascara fariseus e mestres da Lei, tidos como “justos”, mas que na realidade “não são de Deus” (cf. Jo 8,47): são como sepulcros caídos, por fora parecem bonitos, mas por dentro estão cheios de podridão (cf. Mt 23,27).

Essa parece uma passagem perfeita para a celebração de uma profissão religiosa. Lembra aos consagrados e às consagradas de hoje que podem tornar-se perfeitamente como os fariseus de antigamente.

Cumprir tarefas que apontam para um novo modelo de VRC missionária não é opcional, mas também não garante nossa sobrevivência. O que está em jogo é a aposta de o Evangelho continuar sendo significativo no mundo

plural de hoje: essa missão é a razão última que nos resta, para a qual entregamos nossas vidas e a vida de nossas Congregações.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. O que significa para a minha Congregação “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (*DAp*, n. 365)?
2. De que maneira podemos recolocar nossa presença missionária nos dias de hoje?
3. Quais são as novas fronteiras que precisamos atingir com a nossa ação missionária?